UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

LAURA AMARAL KÜMMEL FRYDRYCH

O ESTATUTO LINGUÍSTICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS: A LIBRAS SOB A ÓTICA SAUSSURIANA

PORTO ALEGRE

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO

O ESTATUTO LINGUÍSTICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS: A LIBRAS SOB A ÓTICA SAUSSURIANA

LAURA AMARAL KÜMMEL FRYDRYCH

ORIENTADORA: PROFª. DRª. CARMEM LUCI DA COSTA SILVA
CO-ORIENTADORA: PROFª. DRª. LUIZA MILANO SURREAUX

Dissertação de mestrado em Teorias do Texto e do Discurso, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2013

CIP - Catalogação na Publicação

Frydrych, Laura Amaral Kümmel
O estatuto linguístico das línguas de sinais: a libras sob a ótica saussuriana / Laura Amaral Kümmel Frydrych. -- 2013.
92 f.

Orientadora: Carmem Luci da Costa Silva.
Coorientadora: Luiza Milano Surreaux.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Libras. 2. Linguística. 3. Saussure. 4. Língua de Sinais. I. Silva, Carmem Luci da Costa, orient. II. Surreaux, Luiza Milano, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a *Deus*, por seu Filho Jesus Cristo, autor e consumador da minha fé, que me abençoou durante meus estudos me dando conhecimento, inteligência e capacidade para concluí-los, e que, nas horas desafiadoras e de angústia me suportou em amor, com a paz que excede todo o entendimento, que só Ele pode dar.

Às minhas excelentes orientadoras, professora *Carmem Luci da Costa Silva* e professora *Luiza Milano Surreaux* que, com dedicação, paciência e sensibilidade me auxiliaram a conduzir as reflexões e a escrita que compõem esta dissertação, com muita maestria. Pela amizade e o carinho de vocês, minha eterna gratidão!

Ao meu querido e amado esposo, *Felipe*, por todos os incentivos durante os dois anos de realização deste mestrado. Sem o teu apoio, amor, não teria embarcado naquele primeiro voo (de 31 voos!) de São Paulo para Porto Alegre, em março de 2011 para começar o mestrado que, com esta dissertação, encerro com êxito. Te amo para sempre!

Aos meus pais e irmãos por terem me acolhido em casa de novo para os meus estudos durante o primeiro ano do mestrado. Agradeço à minha irmã, *Dóris*, por dividir o quarto dela comigo (com minhas desculpas pela bagunça!), e pelo exemplo de dedicação aos estudos. Ao meu irmão *Thomas*, registro o meu muito obrigada por todas as idas e vindas ao aeroporto para me buscar/levar, todos os baurus, cookies e pães de queijo compartilhados, e pelas várias caronas. À minha muito amada, inspiradora e exemplar mãe, *Lucia*, pelo apoio em todos os sentidos, por sempre me lembrar do meu dever, do meu lugar, e quem é o nosso Consolador. Por ter me ensinado que aquilo que eu começo eu devo terminar, meu muito obrigada!

Aos meus sogros e cunhados, especialmente minha sogra, *Tania*, e minha cunhada, *Érika*, por terem ficado até o final da conclusão desta dissertação "no meu pé" para que eu a terminasse. Pelo apoio, torcida e acolhida, muito obrigada!

Às minhas colegas *Bruna Sommer*, *Gabriela Barboza*, *Luciana Rosa* e *Verônica Pasqualin*, pelas discussões em aula, pelos estudos, e pelo companheirismo e amizade durante todo o mestrado. À minha grande amiga de fé e vida acadêmica, *Vanessa Dagostim Pires*, por sua inspiradora trajetória. Obrigada, gurias!

Aos meus amigos e irmãos, surdos e ouvintes, especialmente os de Porto Alegre (RS), Taubaté (SP), e Rio de Janeiro (RJ) que me apoiaram em toda esta jornada acadêmica, que me incentivaram a persistir e que sempre estiveram em oração por mim. Dada a impossibilidade de citá-los todos aqui, registro meu louvor a Deus pela vida e o testemunho de todos vocês!

Finalmente, meus agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro que propiciou que eu iniciasse, mantivesse e concluísse esta dissertação de mestrado.

RESUMO

A presente dissertação consiste numa pesquisa de caráter teórico linguístico. O objetivo é o de oferecer uma rediscussão do estatuto linguístico das línguas de sinais com base na Linguística tributária a Ferdinand de Saussure. Interessa aqui a teoria linguística e suas implicações sobre o objeto *língua*. Revisar o estatuto linguístico de uma modalidade de língua que desafia muitos dos parâmetros de teorias já consolidadas no campo dos estudos da linguagem acarreta um novo olhar sobre o objeto. Assim, na primeira parte desta dissertação é apresentada uma retrospectiva sobre a consideração das línguas de sinais como instrumento de ensino, como objeto de pesquisa linguística e como tal, enquanto passível de análises essencialmente linguísticas. Para isso retoma-se a vida e a obra dos seguintes pesquisadores, precursores no estudo das línguas de sinais: o francês Charles Michel l'Épée e o norte-americano William C. Stokoe. Além deles, considera-se a contribuição de alguns estudos específicos sobre a linguística da língua de sinais brasileira (Libras). Na segunda e terceira partes, revisa-se a teoria linguística saussuriana, seus princípios e elementos constitutivos, aproximando-a das línguas de sinais. Com esse movimento de aproximação, ambos os campos sofrem efeitos: as línguas de sinais passam a ser consideradas com o estatuto linguístico conforme outras línguas, e a Linguística saussuriana passa a ser deslocada para contemplar teoricamente as especificidades das línguas de sinais. Este trabalho justifica-se por mobilizar áreas distintas do conhecimento – a epistemologia linguística saussuriana e seus desdobramentos teóricos, e os estudos linguísticos das línguas de sinais – na busca por esboçar novos rumos para a reflexão linguística, em si mesma, e no tocante às línguas de sinais.

Palavras-chave: língua de sinais; Ferdinand de Saussure; estatuto linguístico.

ABSTRACT

This dissertation consists of a theoretical linguistic research. The aim is to offer a renewed discussion on the linguistic *status* of sign languages based on Ferdinand de Saussure's Linguistics. Interest here the linguistic theory and its implications on *language*. To review the status of a linguistic mode of language that challenges many of the already established theories parameters in the field of language studies brings a fresh look at the subject. Thus, the first part of this study presents a retrospective review on the consideration of sign languages as a teaching tool, as an object of linguistic research and as such, as liable to essentially linguistic analyzes. In this way, it is taken into account the life and work of the following researchers, precursors in the study of sign languages: the French Charles Michel l'Épée and the American William C. Stokoe. Besides them, we consider the contribution of some specific linguistics studies of Brazilian sign language (Libras). In the second and third parts, the Saussurean Linguistic theory is revised, and its principles and components are brought closer to the sign languages. With this approach movement, both camps suffer effects: sign languages are being considered with the linguistic *status* as other languages, and Saussurean Linguistics becomes theoretically shifted to contemplate the specificities of sign languages. This work is justified by mobilizing different areas of knowledge – Saussurean epistemology and its theoretical developments, and linguistic studies of sign languages – in the search for new paths to sketch linguistic reflection in itself, and as regards sign languages.

Keywords: sign language; Ferdinand de Saussure; linguistic *status*.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS..... 8
LISTA DE SIGLAS..... 9
CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... 10

1 HISTÓRIA DAS PESQUISAS LINGUÍSTICAS EM LÍNGUAS DE SINAIS..... 14
1.1 O legado do abade francês Charles Michel l'Épée para a consideração das línguas de sinais como instrumento de ensino..... 14
1.2 O legado do americano William C. Stokoe para os estudos linguísticos das línguas de sinais..... 18
1.2.1 O fundador de um campo..... 22
1.2.2 As reflexões de Stokoe..... 25
1.3 Estudos linguísticos das línguas de sinais no Brasil..... 33
1.4 Encaminhamentos..... 37
2 A LINGUÍSTICA SAUSSURIANA..... 39
2.1 A proposta saussuriana..... 39
2.1.1 O curso de linguística geral..... 42
2. 1. 1. 1 Linguagem, língua e fala..... 43
2. 1. 1. 2 A natureza do signo linguístico..... 51
2. 1. 1. 3 O mecanismo da língua..... 56
2.2 Encaminhamentos..... 59
3 REDISCUTINDO O ESTATUTO LINGUÍSTICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS..... 60
3.1 Contribuições saussurianas para as línguas de sinais..... 60
3.1.1 O princípio da arbitrariedade 61
3. 1. 1. 1 Arbitrariedade:princípio de organização da língua..... 62
3. 1. 1. 2 Iconicidade: característica mimética da língua..... 65
3. 1. 1. 3 Arbitrariedade e o estatuto linguístico das línguas de sinais..... 71
3.2 A noção de valor..... 73
3.3 A distinção linguagem, língua, e fala..... 82

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 89

LISTA DE FIGURAS

Figura nº 1. Representação dos sinais “A”, “S” e “T”, na ASL, respectivamente..... 32

Figura nº 2. Representação do sinal equivalente à “triste” na Libras 54

Figura nº 3. Representação do sinal equivalente à “lei” na Libras 80

Figura nº 4. Representação do sinal equivalente à “ontem” na Libras 80

Figura nº 5. Representação do sinal equivalente à “segundo” na Libras 80

LISTA DE SIGLAS

ASL – American Sign Language (Língua de Sinais Americana)

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LS – línguas de sinais

CLG – *Curso de Linguística Geral*

ELG – *Escritos de Linguística Geral*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta é uma dissertação que se pretende teórica. Interessa aqui a teoria linguística e suas implicações sobre o objeto *língua*. Revisar o estatuto linguístico de uma modalidade de língua que desafia muitos dos parâmetros de teorias já consolidadas no campo dos estudos da linguagem acarreta um novo olhar sobre o objeto. Ao aproximar as línguas de sinais à Linguística saussuriana, ambos os campos sofrem efeitos: as línguas de sinais passam a ser consideradas com o estatuto linguístico conforme outras línguas, e a Linguística saussuriana passa a ser deslocada para contemplar teoricamente as especificidades das línguas de sinais.

Minha trajetória como pesquisadora[1] da área das línguas de sinais teve seu início a partir do ingresso no grupo de pesquisa sobre transcrição de base enunciativa de falas sintomáticas[2], coordenado pela Profª Dr. Luiza Milano Surreaux, quando eu estava na graduação em Letras. O grupo era composto também por alunas do curso de Fonoaudiologia e, por isso, cada uma das integrantes desenvolveu a pesquisa em direção a sua área de interesse. A minha, de longe, não era a fala sintomática, e sim as línguas de sinais. A pesquisa rendeu o trabalho de conclusão de curso, no qual discuti a transcrição da tradução da língua brasileira de sinais por um viés enunciativo benvenisteano[3]. O trabalho serviu de inspiração para continuar a trilhar minha jornada no estudo teórico-linguístico das línguas de sinais. As experiências como tradutora-intérprete da língua brasileira de sinais e a participação em seminários e congressos da área, incentivaram-me a debruçar-me ainda mais sobre as relações entre a(s) linguística(s) e as línguas de sinais.

---

[1] Desde o ano de 2005 venho estudando e aprendendo a Libras. Por interesse pessoal, iniciei minha jornada pelo conhecimento sobre essa língua em um curso na Escola para Surdos Professora Lília Mazeron, em Porto Alegre/RS, e lá cursei os níveis básico, intermediário e avançado. Em 2007, visando reciclar meus conhecimentos e retomar a prática da Libras, ingressei novamente em um curso na antiga Escola Técnica da UFRGS. Um ano e meio após o início desse último curso, busquei um que me capacitasse para atuar como intérprete. Em 2010, concluí o Curso Preparatório para Tradutor/Intérprete em Libras, pela instituição de ensino superior, LaSalle, em Canoas/RS.

[2] O projeto de pesquisa intitula-se "A especificidade da transcrição da fala sintomática: aspectos enunciativos", e propõe uma abordagem teórico-metodológica de base enunciativa das especificidades da transcrição linguística da fala sintomática. O projeto ainda está em andamento, e muitos de seus trabalhos foram premiados em eventos científicos da área. Dentre eles, por três anos consecutivos – 2010 a 2012 -, trabalhos desenvolvidos por integrantes do grupo foram premiados como Destaques do Salão de Iniciação Científica da UFRGS.

[3] O trabalho apresenta uma abordagem teórico-metodológica de base enunciativa acerca das especificidades da transcrição linguística da interpretação para Libras. As especificidades nesse tipo de transcrição decorrem, de um lado, da instância enunciativa em que o *fato* é produzido e, de outro lado, do fato de a própria transcrição ser também o produto de um ato de enunciação. Assim, concluí que a transcrição da interpretação para Libras comporta uma tripla enunciação porquanto estão em jogo três enunciadores: o que "fala", o que interpreta e o que transcreve.

Durante meu percurso acadêmico senti a necessidade de buscar trabalhos e pesquisas linguísticos que tratassem das línguas de sinais. Contudo, das teorias, perspectivas e autores estudados[4], poucos davam atenção às línguas de sinais. Da mesma forma, os trabalhos produzidos por quem se dedicava ao estudo das línguas de sinais especificamente, voltavam-se majoritariamente para as questões culturais, educacionais, e políticas dos surdos. Trabalhos específica e essencialmente linguísticos eram encontrados em publicações isoladas, e espalhados nas mais variadas publicações de universidades e grupos de pesquisas (pelo menos no Brasil[5]), e não chegavam a formar um *corpus* único e condensado para referência. Assim, ao ingressar no Mestrado, busquei dar vazão às minhas inquietações acadêmicas e me dedicar com mais afinco à construção de um olhar linguístico sobre as línguas de sinais. Linguístico, pois é a partir desse ponto de vista que teço minhas reflexões acerca do estatuto das línguas de sinais.

Com o refinamento e o avanço no desenvolvimento de pesquisas sobre as línguas de sinais e as comunidades surdas, faz-se necessária, a meu ver, uma revisão, em termos linguísticos, do estatuto dessas línguas. Uma vez que, no discurso acadêmico, frequentemente, justifica-se o estudo sobre as línguas de sinais em decorrência de sua oficialização legal[6], a presente pesquisa visa contribuir para que o argumento sobre a necessidade de que as línguas de sinais sejam estudadas e valorizadas, reitere o que linguisticamente são de fato, e não o que necessariamente fazem dela (seu reconhecimento legal, ou não, por exemplo). A justificativa deste trabalho está firmada na necessidade de se reiterar o estatuto linguístico das línguas de sinais, rediscutindo-o, então.

A área de Estudos da Linguagem, de uma maneira geral, carece, em suas subáreas, de estudos específicos que abarquem as línguas de sinais. Tal assertiva se justifica e tal empreendimento é válido uma vez que a epistemologia da Linguística fornece subsídios para tal propósito. Creio também que a consideração das línguas de sinais no estudo epistemológico da Linguística seja de suma importância para as inclusões que constantemente se operam no campo. Enquanto saber, a Linguística está em constante discussão e outros saberes se lhe aproximam e afastam.

---

[4] Dentre alguns dos autores estudados ao longo da graduação em Letras, no âmbito dos estudos linguísticos, cito: Pinker (2002), Câmara (2006), Mussalim e Bentes (2001), Fiorin (2003), Bagno (1999), e Lyons (1979; 1987).

[5] Exceção feita aos trabalhos de Ferreira-Brito (1995), Quadros (1995; 1999), Karnopp (1994; 1999), Cruz (2008), Felipe (2008), e Souza (2003).

[6] Destaque para a Lei 10.436/2002 que oficializa a Libras como língua no Brasil, e o Decreto 5.626/2005 que regulamenta essa Lei.

Dos trabalhos dedicados ao estudo linguístico das línguas de sinais, destacamos o trabalho de Ferreira-Brito (1995) e o de Quadros e Karnopp (2004), que foram pioneiros no Brasil, dentro da área dos estudos linguísticos, quanto à descrição dos níveis de análise da língua brasileira de sinais, e até hoje são referência para linguistas de todo o país e estudiosos (professores, intérpretes, entre outros) da língua brasileira de sinais, especificamente. O viés teórico ao qual se filiam Quadros e Karnopp (2004), nesse trabalho, é de cunho gerativista chomskiano, o que imprime a sua pesquisa, marcas peculiares no próprio fazer linguístico, na consideração de *língua*, seus caracteres, sua organização e funcionamento. Não desconsiderando as contribuições do trabalho de Quadros e Karnopp (2004), minha pesquisa justifica-se por buscar rediscutir o estatuto linguístico, a partir de outro olhar teórico: o de base saussuriana.

O ponto de vista saussuriano será mobilizado sobre a revisão dos trabalhos do linguista norte-americano, William C. Stokoe, que, a partir de meados da década de 60, desenvolveu as primeiras pesquisas linguísticas sobre a língua de sinais americana. Por ser o pioneiro nesse tipo de estudo sobre as línguas de sinais, pela influência e o alcance de sua obra sobre outros linguistas e pesquisadores, assim como pelo impacto social e cultural que sua vida e obra tiveram (e tem, até hoje) sobre os estudos das línguas de sinais e sobre as comunidades surdas, no mundo inteiro, é que Stokoe torna-se um autor fundamental para qualquer linguista que se interesse pelo estudo das línguas de sinais. Assim, ao revisar a obra de Stokoe, me junto àqueles que objetivam manter aberto o caminho e ir mais além, na trilha inaugurada por ele. Faço, também, uma breve referência à visada educacional que o Abade francês Charles Michael l'Épée imprimiu sobre a língua de sinais francesa no século XVIII, por ser o precursor na consideração da mesma como língua de/na educação.

Por último, este trabalho justifica-se por mobilizar áreas distintas do conhecimento – a epistemologia linguística saussuriana e seus desdobramentos teóricos, e os estudos linguísticos das línguas de sinais – na busca por esboçar novos rumos para a reflexão linguística, em si mesma, e no tocante às línguas de sinais.

Algumas questões foram fundamentais para a constituição de meu objeto de pesquisa. Dentre elas, destaco as seguintes: O que é *língua*? O que é *linguagem*? De que maneira tais conceitos são entendidos nos estudos linguísticos das línguas de sinais? A partir dessas questões elementares, outras surgiram, delimitando ainda mais o objeto: o que faz de uma língua de sinais, uma *língua*? No que concerne à linguística saussuriana, interessava-me saber

como seus pressupostos teóricos poderiam ser depreendidos a partir do estudo de línguas de modalidade visoespacial, bem como, se os conceitos de *língua*, *fala* e *linguagem* poderiam adquirir, ou não, outra definição dentro do campo. A partir dessas discussões conceituais nos campos da linguística saussuriana e das línguas de sinais, meu objeto de investigação forjou-se e condensa-se na rediscussão do estatuto linguístico das línguas de sinais.

1 HISTÓRIA DAS PESQUISAS LINGUÍSTICAS EM LÍNGUAS DE SINAIS

Nosso objetivo neste primeiro capítulo da dissertação é analisar a história das pesquisas linguísticas em línguas de sinais. Iniciaremos nosso percurso pela consideração do legado do abade francês Charles Michel de l'Épée, aqui mobilizado como representante das reflexões europeias sobre as línguas de sinais. Em seguida, mais especificamente, perscrutaremos as contribuições do americano William C. Stokoe sobre o estatuto linguístico das línguas de sinais. Por fim, encerraremos este capítulo elencando os trabalhos de alguns autores e pesquisadores brasileiros, principalmente nas figuras de Ronice M. de Quadros e Lodenir B. Karnopp, dedicados ao estudo linguístico da língua brasileira de sinais.

Há que se considerar diversos fatores atuantes na mobilização e justaposição dessas três vertentes de reflexão sobre a linguística das línguas de sinais. O primeiro deles é de onde surgem essas vertentes. Temos aqui a referência à, no mínimo, três espaços geográficos diferentes: Europa, Estados Unidos e Brasil. Não obstante, sabemos que o fator tempo está em jogo também, porquanto falamos de diferentes épocas: com l'Épée situamo-nos no século XVIII, já com Stokoe, falamos do século XX, década de 60, e, por fim, ao referirmo-nos às reflexões brasileiras, damos outro salto e alcançamos o final do século XX, e o início do século XXI. Nesse retorno por tempo e espaços distintos, algo permeia essas vertentes: a língua dos surdos, tida como objeto de estudo nela e por ela mesma.

Para os fins a que este trabalho se propõe, a consideração desses vastos e importantes legados contribui para a construção do nosso olhar para a questão do estatuto linguístico das línguas de sinais. As diferentes concepções, perspectivas, lugares sociais e culturais, mobilizados pelos autores, nos apontam caminhos a serem trilhados, na reiteração do estatuto linguístico das línguas de sinais, e mais, indicam outros a serem descobertos. Vamos a eles.

1.1 **O legado do abade francês Charles Michel l'Épée para a consideração das línguas de sinais como línguas de ensino**

A história das línguas de sinais, de uma maneira geral, está intimamente relacionada à história da educação de surdos e suas raízes na França durante a Era do Iluminismo. Na metade do século XVIII, Charles Michel de l'Épée (1712 – 1789), um padre dedicado a promover a educação de crianças surdas indigentes, desenvolveu um novo acesso à educação de surdos (KLIMA; BELLUGI, 1979). Como sacerdote, enquanto empenhava-se aos estudos e às obras de caridade, em meados de 1760, l'Épée encontrou duas surdas gêmeas que o comoveram profundamente e que o levaram a dedicar-se ao seu ensino, disposto a modificar a forma de trabalho com os surdos, em uma época em que o oralismo imperava. Começou estudando os sinais com os quais as surdas se comunicavam entre si, e a eles agregou outros. Com rapidez obteve clara compreensão por parte das meninas e decidiu utilizar a casa em que vivia com seu irmão para transformá-la em uma escola gratuita para surdos, agrupando na mesma aproximadamente sessenta alunos. Simultaneamente às atividades letivas, começou a combater o preconceito em torno dos surdos, realizando reuniões públicas no intuito de propagar a ideia de que os surdos poderiam ser ensinados e aprender através da visão (QUIRÓS; GUELER, 1973). Dessas reuniões surgiu muito debate em torno da questão da educação dos surdos, e graças a elas, l'Épée conseguiu uma verba de Luís XVI para transformar seu projeto em uma escola de surdos, oficialmente: O Instituto dos Surdos-Mudos de Paris.

Mais do que empenhar-se a ensinar com figuras e palavras, l'Épée aprendeu os sinais de que os surdos faziam uso para conversarem entre si e utilizou-os como língua de instrução. Ele adicionou alguns elementos aos sinais, e modificou outros que já utilizava, adaptando-os ou inventando novos para servirem ao que ele denominou de "sinais metódicos" – sinais estes correspondentes a termos e elementos da gramática francesa. Seu objetivo ao criar esses sinais metódicos era ensinar os alunos surdos a como lerem e escreverem em francês:

> [...] Épée inventou uma grande escala de sinais, ações visuais, que, por convenção representaram os morfemas do francês, e suplementaram os morfemas da sinalização natural, aproximando, assim, a linguagem visual à variação semântica da fala e da língua da cultura francesa [7] (STOKOE, 1972, p. 75 – grifos do autor).

O sucesso do sistema de uso da língua de sinais de l'Épée como língua de ensino, trouxe a ele alunos de outros países, que o procuraram para aprender suas técnicas e a língua

[7] No original: *[…] Épée invented on a grand scale signs, visible actions, that by convention represented the morphemes of French, to supplement the morphemes of natural signing and so to bring the visual language closer to the semantic range of the parole et langue of French culture.*

de sinais utilizada em Paris; esses alunos, então, retornavam para seus países e lá estabeleciam escolas para os surdos. Apesar de não aceito na Inglaterra, onde a educação oral era utilizada com os surdos, o método de l'Épée espalhou-se pelo leste e pelo oeste europeu (STOKOE, apud KLIMA E BELLUGI, 1979, p. 68).

De acordo com Quirós e Gueler (1973), l'Épée, em uma de suas obras, denominada *Institution des sourds-muets par la voie des signes méthodiques*, expõe as características dos métodos que utilizava à época para ensinar os surdos, bem como estabelece as diferenças entre esses métodos. Havia o método datilológico, o uso de sinais metódicos, e o recurso da oralização. O método dos sinais metódicos, do qual o próprio l'Épée fora o autor, se baseava em gestos expressivos que respondiam à ideia básica das palavras. Assim, ele começava a instrução da criança surda ensinando-a datilologicamente e também a fazendo traçar no papel as letras correspondentes aos verbos, por exemplo, e logo em seguida explicava através dos sinais metódicos a conjugação do presente do indicativo daquele respectivo verbo. Da mesma forma ele conseguia compartilhar com seus alunos conhecimentos referentes aos artigos, substantivos, verbos, pronomes, etc., reforçando esse ensino por meio do uso de pranchas tipográficas com letras móveis.

A obra de l'Épée também registra, por meio de cartas que escrevera a diferentes destinatários entre 1771 e 1774, o fato de que tivera a ideia do estabelecimento de uma linguagem mímica universal para os surdos. Essa ideia derivou do fato de receber alunos estrangeiros:

> Devemos enfatizar que a escola para surdos do abade l'Épée foi a primeira criada no mundo e que, por isso, talvez ele se vira obrigado a aceitar todo tipo de aluno e a realizar uma instrução rápida que permitiria a esses surdos transformarem-se em elementos úteis à sociedade (QUIRÓS; GUELER, 1973, p. 292).

Talvez, em comparação aos níveis pedagógicos que outros autores contemporâneos ou até mesmo anteriores a ele, alcançaram, l'Épée não tenha tido tanto êxito. Contudo, é inegável que seu trabalho e empenho no ensino do maior número de surdos possível, e que seu grande mérito na educação dos mesmos, foi ter demonstrado que a instrução dos surdos permitia sua incorporação à sociedade, e que esta instrução poderia ser realizada em escolas públicas e gratuitas. Nesse sentido, sua obra não tem comparação com a de nenhum outro professor de surdos de sua época (os quais se dedicavam, em sua maioria, à oralização dos surdos, em

aulas particulares, com atendimento individualizado, não objetivando uma maior integração destes à sociedade).

A visada educacional de l'Épée sobre a língua de sinais acarretou uma *virada* educacional e linguística para os surdos. Essa virada propiciou a organização dos surdos em associações, federações e mais tarde a nível internacional, uma vez que a língua de sinais era (e ainda hoje o é) o principal fator de reunião das pessoas surdas (KLEIN, 2001). Tão importante foi a contribuição da *virada* de l'Épée para a mobilização dos surdos, que entre a maioria dos surdos europeus e norte-americanos, principalmente, erigiu-se uma tradição em festejar o surgimento ou a origem da comunidade surda a partir do encontro do abade com as duas jovens surdas nas ruas de Paris. Na França, por exemplo, os festejos do aniversário de L'Epèe foram, por muito tempo, uma oportunidade de surdos de diferentes regiões compartilharem momentos de reunião. De acordo com Klein (2001), Mottez (1992) sugere que o nascimento do movimento surdo está vinculado diretamente ao encontro de pessoas surdas em banquetes, sendo que o primeiro teria sido organizado para comemorar o aniversário do abade l'Épée. De uma situação de isolamento social e educacional, os surdos passaram a compartilhar sua língua e suas experiências de vida, formando comunidades que, com o passar dos anos, e a maior participação dos surdos, buscou a garantia de seus direitos, tanto de acesso à sua língua, à educação, à saúde, ao lazer, como também ao trabalho e outras esferas sociais[8].

Linguisticamente, apesar de o sistema de sinais metódicos de l'Épée ter permitido aos alunos surdos que escrevessem e lessem em francês, o mesmo, inicialmente, em certa medida, retardava a educação e a comunicação dos alunos. A compreensão que l'Épée tinha da língua de sinais, soa, ao mesmo tempo, como um tom de exaltação e de depreciação: "Ele a considerava, por um lado, uma língua 'universal'; por outro lado, destituída de gramática (portanto, necessitando da importação da gramática francesa, por exemplo)" (SACKS, 2007, 33). Assim, apesar da ignorância em relação à complexidade da língua de sinais, apontada por Sacks, o legado de l'Épée fundamenta-se em sua consideração e na utilização da mesma para o ensino dos surdos. Séculos mais tarde, uma universidade americana para surdos, fundada por discípulos da escola de l'Épée, receberia um professor que daria conta de perceber essa complexidade e a estrutura intrínseca da língua de sinais: William C. Stokoe.

[8] Para mais informações sobre a organização social dos surdos e sobre a importância de l'Épée nesse ínterim, consultar Lane (1992) e Sánchez (1990).

1.2 **O legado de William C. Stokoe para o estudo das línguas de sinais**

Nosso propósito nesta seção é analisar as contribuições de William C. Stokoe para as reflexões sobre o estatuto linguístico das línguas de sinais. Para tanto, faz-se necessária uma revisão bibliográfica de sua obra e, mais precisamente, uma síntese de sua trajetória de pesquisa no que concerne às línguas de sinais.

Stokoe é considerado o "pai da língua de sinais americana" [9], e em decorrência de sua grande contribuição aos estudos sobre essa língua, não raro é considerado o pai das línguas de sinais como um todo. Mas o quê ele descobriu? O que o levou a considerar as línguas de sinais *línguas*? Essas e outras questões são fundamentais para delinear-se a constituição de um campo como o das línguas de sinais: são perguntas que nos levam a percorrer de volta a trilha inaugurada por Stokoe.

William C. Stokoe Jr. (1919 – 2000) foi uma das primeiras pessoas a considerar a língua de sinais americana uma língua legítima. Essa constatação irrefutável em nossos dias, já consolidada pela tradição das pesquisas em línguas de sinais, tende a ser simplista ao desconsiderar a complexidade do trajeto trilhado por Stokoe até alcançar o ponto dessa importante sentença sobre uma língua. Definir precisamente onde começa uma trilha não é tarefa fácil: os preparativos, os fatos anteriores a uma jornada também fazem parte dela. Fato é que, em 1955, Stokoe foi contratado para lecionar inglês e literatura inglesa na Gallaudet University[10]. Ele era ouvinte, desconhecedor do mundo surdo até então e, dada essa condição, desenvolveu um acurado senso de análise e observação sobre a comunicação de seus alunos. Do principiante e vivaz envolvimento e desenvolvimento de Stokoe em Gallaudet nos dá testemunho Oliver Sacks[11], no prefácio ao livro *Seeing Language in Signs*, de Jane Maher (1996): "Durante esse tempo [os dez anos após sua chegada à Gallaudet] ele passou de

---

[9] Este é um, dos testemunhos que encontramos sobre Stokoe: "*Bill Stokoe is the father of linguistics in the field of American Sign Language. If it weren't for him, we'd still be in the Dark Ages*" (GIL EASTMAN apud MAHER, 1996, p. 1).

[10] A Gallaudet University é um importante centro acadêmico de pesquisas e ensino dos surdos. Voltada principalmente para alunos surdos, tem como língua de instrução a American Sign Language (ASL). Oferece diversos cursos de graduação, pós-graduação e extensão. Localiza-se em Washington e foi fundada em 1857.

[11] Amigo de William Stokoe, correspondente dele e autor de *Vendo Vozes – uma fascinante viagem ao mundo dos surdos* (2007), importante livro de divulgação sobre a cultura surda.

professor de Inglês, lecionando literatura inglesa medieval para se tornar um explorador da cultura e da língua das pessoas surdas, de seu verdadeiro modo de comunicação" [12] (SACKS apud MAHER, 1996, p. 6).

De pesquisador da língua inglesa antiga e medieval, a odisseia acadêmica de Stokoe partiu da Cornell University para o Wells College, da Universidade de Edimburgo para finalmente a Gallaudet University, como presidente do Departamento de Inglês. Em 1960 ele iniciou seus estudos sobre a natureza linguística da língua de sinais americana, um empreendimento que foi recepcionado com escárnio, ceticismo e pouquíssimo apoio por parte de seus colegas (MAHER, 1996).

Stokoe havia recebido, em sua graduação, uma educação humanista, havia sido formado com a convicção de que todo estudante é possuidor de ilimitado respeito e detentor de um alto potencial para manter seus talentos, suas habilidades de aprendizado e objetivos individuais. A visão humanista que Stokoe possuía contrastava bastante com o que a filosofia oralista[13] para a educação de surdos, à época, pregava. O atalho até a Gallaudet afastou Stokoe de ter sido instruído em noções de audiologia, anatomia e fisiologia do ouvido (conhecimento muito em voga para quem fosse lecionar, ou trabalhar com surdos), e, consequentemente, ele não aprendeu a como aplicar testes de audição e distinguir os diferentes aparelhos auditivos; também, por desconhecer os vários tipos de audiometrias, é que Stokoe diferenciou-se, chegando "cru" à Gallaudet para dar aulas para surdos.

Após sua chegada à Gallaudet, Stokoe dedicou-se a começar a aprender o que era conhecido como a "linguagem dos sinais". Essas aulas marcaram o início de uma trajetória pessoal que culminaria na mudança do estatuto dessa noção, passando pela promoção de uma

---

[12] No original: *During this time [the ten years following his arrival at Gallaudet] he moved from being a teacher of English, an explicator of Chaucer, to becoming an explorer of the culture and language of deaf people, of their actual mode of communication*.

[13] O oralismo é uma das filosofias na educação de surdos e preconiza que o aluno surdo seja ensinado a falar oralmente, que aprenda os fonemas da língua oral predominante e que saiba fazer leitura labial, em detrimento do aprendizado e comunicação através da língua de sinais. Um fato histórico bastante importante para o fortalecimento da filosofia e da prática oralista foi o chamado Congresso de Milão, realizado em 1880. De acordo com Strobel (2009), a partir de uma votação feita nesse congresso, a língua de sinais foi oficialmente proibida de ser usada na educação dos surdos. Esse congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintistas, todos defensores do oralismo puro. Segundo Strobel, havia professores surdos participando do congresso também, mas suas "vozes" não foram ouvidas e os mesmos tiveram seus direitos ao voto excluídos. Após o congresso, a maioria dos países adotou rapidamente o método oral nas escolas para surdos, proibindo oficialmente a língua de sinais. Com isso, uma longa batalha do povo surdo para defender o seu direito linguístico cultural foi iniciada; as associações dos surdos se uniram mais, e os povos surdos buscaram se fortalecer na luta para evitar a extinção das suas línguas de sinais.

língua que para muitos ainda era considerada um conveniente, mas inadequado sistema de comunicação, "quase um mal necessário" (MAHER, 1996, p. 42). Apesar de na época o oralismo ser predominante na educação de surdos, e com ele a determinação de que toda a forma de sinalização devesse ser banida em favor da fala e da leitura labial, a língua de sinais não havia sido completamente eliminada nos Estados Unidos, porque continuava sendo utilizada pelos surdos nos espaços não escolares, não acadêmicos. Contudo, a "língua de sinais" que era ensinada pelos instrutores ouvintes aos alunos surdos era, na verdade, um sistema manual de codificação da língua inglesa. A sinalização dos professores era um "inglês sinalizado", e não a língua de sinais propriamente dita. Lou Fant, um professor da Gallaudet na década de 50, cujos pais eram surdos, relata que "como a maioria dos filhos de pais surdos, eu cresci sem a consciência e o conhecimento de que a ASL[14] era uma língua. Eu pensava que a ASL era um paródia agramatical do Inglês" (LOU FANT apud MAHER, 1996, p. 43). Esse era o entendimento e o status que a língua de sinais americana possuía na época e antes das pesquisas de Stokoe.

Stokoe, a partir de seu envolvimento com a comunidade surda no campus da Gallaudet, e de seu contato com os alunos, rapidamente percebeu que os sinais de instrução, que lhe eram ensinados, eram bem diferentes dos sinais que os alunos utilizavam no dia-a-dia do campus. Consequentemente, a dúvida quanto à compreensibilidade de sua sinalização surgiu. Essa diferença entre os sinais ensinados pelos ouvintes e os sinais usados pelos alunos surdos era conhecida pelos demais professores, contudo, a forma de sinalizar dos alunos era considerada "gíria", sinalização não formal, imprópria para situações de formalidade. Aos professores era ensinado evitarem tal maneira de sinalizar. Stokoe percebeu que essa orientação, em outras palavras, significava "evitar a língua que os alunos usavam" (MAHER, 1996, p. 43).

Essa constatação motivou Stokoe a ter mais proximidade com a língua do dia-a-dia dos surdos. Ele investiu, então, no contato e na observação das aulas de alguns professores surdos, o que lhe rendeu outras perspectivas sobre o uso e o ensino da língua, através da língua de sinais. Para um professor de literatura para surdos, ele encontrou, na forma de sinalizar de seus colegas professores surdos, meios para melhorar sua sinalização. Stokoe percebeu que, antes de ensinar alguma coisa para seus alunos, era ele quem deveria aprender a se comunicar com eles. Ele solicitou o auxílio de membros surdos do departamento de Inglês

[14] ASL é a sigla utilizada para American Sign Language, ou Língua de Sinais Americana, conforme apontamos na Lista de Siglas constante no início desta dissertação.

para o ajudarem. Pediu que lhe ensinassem o vocabulário específico para sua disciplina, a forma como eles sinalizavam determinados conceitos, tudo em detalhes, ao que seus colegas mostraram-se solícitos. Contudo, apesar de o vocabulário de sinais adquirido por Stokoe ter sido vasto, sua sinalização não era tão fluente e móvel quanto se imagina. Maher considera esse fato uma ironia: "[...] o homem, muitas vezes descrito como o Pai da Língua de Sinais Americana, não sinalizava muito bem" (MAHER, 1996, p. 46). A isso, a pesquisadora complementa que

> talvez a dificuldade de Stokoe em usar a língua, sua inabilidade para tomá-la por si só como um simples método de comunicação, e sua necessidade em olhar para ela cuidadosamente, foram os responsáveis, em parte, por suas descobertas. Foi necessário alguém de "fora" para olhar o que estava lá o tempo todo [15] (MAHER, 1996, p. 46).

Enquanto a regra era envergonhar-se da língua de sinais, sentimento presente até mesmo em surdos escolarizados (apesar de secretamente a utilizarem - no pátio das escolas, nos dormitórios e em outros espaços e contextos de socialização), William Stokoe foi uma exceção à regra. Na metade de seu segundo ano na Gallaudet, Stokoe relatou a seu amigo, o diretor George Ernest Detmold, suas observações:

> Eu percebi que quando essas pessoas surdas estavam juntas e comunicando-se umas com as outras, o que elas estavam comunicando era em uma língua, mas não a língua de outros; já que não era Inglês, aquilo só podia ser a *sua própria* língua. Não havia nada "quebrado" ou "inadequado" nela; eles se saiam esplendidamente bem com ela [16] (STOKOE apud MAHER, 1996, p. 55 – grifos do autor).

O principal legado de Stokoe para o estudo das línguas de sinais foi principiado no verão de 1957, quando participou de um seminário de linguística com George Trager e Henry Smith, dois dos mais conhecidos linguistas do país àquela época. A monografia que Stokoe

---

[15] No original: *Perhaps Stokoe's difficulty in using the language, his inability to take it for granted as simply a method of communication, and his need to look at it carefully were responsible, in part for his discoveries. It took an "outsider" to see what had been there all along.*

[16] No original: *I just knew that when these deaf people were together and communicating with each other, what they were communicating with was a language, not somebody else's language; since it wasn't English, it must have been their own language. There was nothing "broken" or "inadequate" about it; they got on splendidly with it.*

redigiu para o seminário o levou a desenvolver o tópico que o consumiria pelo resto de sua vida: *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*. Com essa publicação Stokoe fundava o quê mais tarde seria denominado de campo de estudos das línguas de sinais.

1.2.1 O fundador de um campo

O percurso das reflexões linguísticas de Stokoe dentro da Gallaudet, em comparação ao que estava sendo feito na época, foi inédito. Quando Stokoe chegou àquela universidade, como vimos anteriormente, "a sinalização vinha sendo vista, até aquele tempo, como um tipo de pantomima ou Inglês deformado nas mãos – algo sem uma estrutura interna, ou coerência, ou regras, algo bem distante do nível de língua" [17] (MAHER, 1996, p. 12).

Cremos que o que favoreceu a constituição da singularidade do ponto de vista de Stokoe em relação à língua de sinais foi o fato de que ele não conhecia a comunidade surda e sua forma de comunicação previamente: ele chegou à universidade Gallaudet como alguém de fora (MAHER, 1996). Isso possibilitou a ele desenvolver seu poder de observação e análise sobre a comunicação de seus alunos, e a questionar-se sobre ela.

Contudo, apesar de a obra de Stokoe, retrospectivamente, ser vista como um marco, "[...] apesar de ela ser vista como sendo responsável por conduzir a uma subsequente transformação de consciência, foi tão somente ignorada naquele tempo [quando de sua publicação]" [18] (MAHER, 1996, p. 13). Stokoe mesmo, em uma carta a Sacks, comenta que a publicação de *Sign Language Structure* despertou no máximo a curiosidade local. Excetuando-se um ou dois colegas, "toda a faculdade de Gallaudet atacou rudemente a mim, à linguística e ao estudo das línguas de sinais como línguas" [19] (MAHER, 1996, p. 13). À época de suas publicações, os trabalhos de Stokoe tiveram pouco impacto também entre os linguistas: a maioria dos trabalhos em linguagem nos anos de 1960 não fizeram referência à

---

[17] No original: *Signing had been seen, up to this time, as a sort of pantomime or broken English on the hands – something without internal structure or coherence or rules, something far below the level of language.*

[18] No original: *[…] though in retrospect they can be seen as having a major part in leading to the subsequent transformation of consciousness, they were all but ignored at the time.*

[19] No original: *the entire Gallaudet faculty rudely attacked me, linguistics, and the study of signing as a language.*

obra de Stokoe, e nem à língua de sinais. O reconhecimento veio depois, porém mais cedo do que se imaginava.

O curso que Stokoe fez com Trager e Smith serviu-lhe de inspiração para esquadrinhar suas reflexões e alçar suas dúvidas na elaboração de respostas. Stokoe relatou que "o foco do curso seria a *cultura*, algo acima de qualquer investigação, e dentre a cultura, um de seus maiores sistemas de mensagem, chamado *língua*" [20] (MAHER, 1996, p. 59 – grifos nossos). Além de estudar sobre como analisar línguas exóticas, Stokoe aprendeu que, nas interações humanas normais, a troca de informações ocorria preponderantemente em sistemas de comunicação que circundavam a linguagem (MAHER, 1996). De tudo o que ocorre numa interação face-a-face, alguns sistemas, tais como a paralinguagem e a sinestesia, eram somente uma fração.

> Nosso objeto – língua – era por comparação um canal menor de comunicação. Aprendi também que a língua como parte de uma cultura, de fato uma parte muito especial dela, *é um comportamento aprendido*, assim como a cultura: ser humano é ser um animal cultural, mas tornar-se culto, em qualquer cultura em particular, demanda experiência direta e aprendizado.[21] (STOKOE apud MAHER, 1996, p. 60 – grifos do autor).

Essa constatação levou Stokoe a perceber, em relação a seus alunos surdos, que eles tinham uma cultura própria também: "Para ser claro, em definindo a língua como baseada culturalmente, Trager teve que dizer que ela era um sistema de símbolos vocais" [22] (STOKOE apud MAHER, 1996, p. 60), continua Stokoe. Assim era o entendimento da grande maioria sobre a língua. Stokoe relata também que

> logo no início daquele verão comecei a desenvolver o argumento de que (a) as pessoas surdas compartilhavam uma cultura quando na companhia umas das outras; (b) tal cultura difere da cultura Americana padrão (ou de qualquer de suas variantes) por causa da diferença radical que há em seus fundamentos fisiológicos; e (c) no entanto, o sistema de símbolos gestuais, não vocais, usados pelas pessoas surdas é por definição uma língua [...] Minha tarefa era ver como os usuários usavam a língua,

---

[20] No original: *The focus o four attention was to be culture, something none of the above investigated, and within culture, one of its tem major message systems called language.*

[21] No original: *Our subject – language – was by comparison a minor channel of communication. I learned also that language as a part of culture, though a very special part,* ***is learned behavior****, as is culture itself: to be human is to be a cultural animal, but to become enculturated in any particular culture demands direct experience and learning.*

[22] No original: *To be sure, in defining language as culturally based, Trager had said it was a system of vocal symbols.*

> especialmente os contrastes e as equivalências que eles faziam [23] (Stokoe, apud MAHER, 1996, p. 60-61).

Nos três anos seguintes ao curso, Stokoe dedicou-se a buscar respostas para a questão que propôs a si mesmo: e se sistemas sofisticados de símbolos visuais fossem examinados pelo rigor metodológico da linguística estrutural? Em abril de 1960 ele publicou seus primeiros achados.

A princípio Stokoe começou a estudar a organização fonológica, morfológica e semiológica dos sinais. Após o seminário, e antes da publicação de *Sign Language Structure*, ele estava procurando pelas conexões entre a linguística e a matemática. Princípios matemáticos permearam suas reflexões linguísticas iniciais. Ele estava convencido de que havia princípios matemáticos que regulavam a linguagem. Em 1959, Stokoe assistiu a uma conferência organizada por linguistas e matemáticos. Lá ele ouviu uma apresentação de Noam Chomsky, cuja publicação, em 1957 de *Syntatic Structures* rendeu-lhe grande reconhecimento nos círculos linguísticos. Stokoe, a princípio, não assimilou as ideias de Chomsky:

> Eu tentei, é claro, ler *Syntatic Structures*, mas pareceu-me que ele não servia nem com o que eu havia aprendido de Smith e Trager sobre a linguagem, nem com meu crescente entendimento de pelo menos alguns princípios matemáticos. [24] (STOKOE apud MAHER, 1996, p. 63).

Em outro encontro para professores, Stokoe teve nova oportunidade de ouvir Chomsky e começou a perceber que suas teorias fundamentais estavam "possibilitando que os linguistas modernos vissem as línguas faladas e sinalizadas, ambas, como advindas do cérebro" [25] (STOKOE apud MAHER, 1996, p. 63).

Na efervescência de ideias, e em meio a análises sobre a sinalização dos alunos e a didática dos demais professores, Stokoe percebeu que "a maioria dos sinais sintáticos da língua de sinais dos alunos vinha da face, da cabeça, e do movimento dos olhos, e não das mãos"; os professores desses alunos, porém, não atentavam senão para "a perda auditiva e o

---

[23] No original: *as early as that Summer I began to develop the argument that (a) deaf people in each other's company most of the time share a culture; (b) such a culture differs from standard American culture (or any of its variants) because of a radical difference in physiological foundations; and (c) therefore, the system of gestural, not vocal, symbols used by deaf people is by definition a language. […] My task was to see how its users used the language, especially the contrasts and the equivalences they made.*

[24] No original: *I tried, of course, to read Syntatic Structures, but it seemed to fit neither what I'd learned from Smith and Trager about language not my growing understanding of at least some mathematic principles.*

[25] No original: *making it possible for modern linguists to see both spoken and signed languages as coming from the brain.*

déficit mental e linguístico [dos alunos], e tudo o mais sobre isso" [26] (STOKOE apud MAHER, 1996, p. 63). Assim, a partir desse olhar acurado sobre a língua e a comunicação de seus alunos, com a publicação de suas pesquisas, e lançando mão de pressupostos linguísticos, Stokoe funda um campo de estudos linguísticos sobre as línguas de sinais. Seu percurso até então foi intenso e bastante instigante, e aqui o sintetizamos destacando os pontos que consideramos mais essenciais.

1.2.2 As reflexões de Stokoe

As reflexões iniciais de Stokoe foram muito bem resumidas por Oliver Sacks, no prefácio à biografia do pesquisador:

> Ele foi o primeiro a procurar por uma estrutura, a analisar os sinais, a dissecá-los, a buscar por suas partes constituintes. Ele propôs que cada sinal tinha, no mínimo, três partes independentes – locação, configuração de mão e movimento (análogas aos fonemas da fala) – e que cada parte tinha um número limitado de combinações. Ele delineou dezenove configurações de mão diferentes, doze locações, e vinte e quatro tipos de movimentos. Esses símbolos, além disso, estavam conectados em uma sintaxe ou gramática tão complexa e completa quanto aquela da língua falada. Em 1960 ele publicou seu artigo inaugural, *Sign Language Structure*, e cinco anos depois (com seus colegas surdos Dorothy Casterline e Carl Croneberg), o monumental *Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles.* Os sinais no dicionário foram arranjados não de forma temática (por exemplo, sinais para comidas, sinais para animais, etc.), mas sistematicamente, de acordo com suas partes e a organização em princípios da língua. Esse trabalho mostrou a estrutura lexical da língua, a interrelação linguística de basicamente 3000 sinais "palavras".[27] (OLIVER SACKS apud MAHER, 1996, p. 12 – grifos nossos).

---

[26] No original: *most of syntatic signals of the student's sign language came from the face, head, and eye action, and not from the hands […] hearing loss and mental deficit and language deficit and all the rest of it.*

[27] No original: *He was the first to look for a structure, to analyze signs, to dissect them, to search for constituent parts. He proposed that each sign had at least three independent parts – location, handshape, and movement (analogous to the phonemes of speech) – and that each part had a limited number of combinations. He delineated nineteen different handshapes, twelve locations, and twenty-four types of movements. These symbols moreover, were linked in a syntax or grammar every bit as complex and complete as that of spoken language. In 1960 he published his groundbreaking paper, Sign Language Structure, and five years later (with his deaf colleagues Dorothy Casterline and Carl Croneberg) the monumental Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles. Signs in the dictionary were arranged not thematically but (e.g., signs for food, signs for animals, etc.) systematically, according to their parts and the organization and principles of the language. This work showed the lexical structure of language, the linguistic interrelatedness of basic 3000 sign "words".*

A primeira frase do breve testemunho de Sacks, acima citado, sobre a trajetória e a produção teórica de Stokoe, sintetiza o ponto de vista através do qual Stokoe olhava para a ASL. Buscando esquadrinhar a estrutura da ASL, ele analisou constitutivamente os sinais, dissecou-os e dedicou-se a delinear (entenda-se, determinar e transcrever) suas diferentes partes (criando, inclusive, um sistema notacional para tais elementos). Até então, isso nunca havia sido feito, daí também o ineditismo e a importância da obra e do legado de Stokoe.

Sign Language Structure é o texto inaugural de Stokoe sobre o sistema de comunicação visual dos surdos. O texto foi publicado inicialmente em 1960, e a versão que aqui utilizamos para citações é uma republicação do artigo feita em 2005, em homenagem aos 50 anos das primeiras publicações de Stokoe. O prefácio a essa republicação destaca três importantes mudanças que o trabalho de Stokoe acarretou: 1) despertou a aceitação das línguas de sinais como "linguísticas", 2) apresentou uma nova perspectiva sobre a linguagem humana, e 3) trouxe novas perspectivas para o campo de estudos das origens da linguagem.

O principal objetivo do artigo foi "trazer para dentro do âmbito da linguística, uma língua virtualmente desconhecida, a língua de sinais dos surdos americanos" [28] (STOKOE, 2005, p. 3). As conclusões sobre a estrutura da língua que Stokoe observava foi fruto de análises que lançaram mão de uma metodologia linguística, aplicada à língua de sinais. As análises das unidades da ASL levaram Stokoe a criar também um método de transcrição[29], utilizado para registrar o sistema de comunicação gestual que divisava. Ou seja, Stokoe buscou olhar linguisticamente para a ASL.

Na introdução ao artigo, ele tece alguns comentários em relação ao uso de gestos na linguagem: "A comunicação através de um sistema de gestos não é uma atividade exclusivamente humana, de modo que, no amplo sentido do termo, a língua de sinais é tão

---

[28] No original: *[...] is to bring within the purview of linguistics a virtually unknown language, the sign language of the American deaf.*

[29] A ilustração abaixo é encontrada em Stokoe (2005, p. 24), e mostra como ele se utilizou de recursos gráficos visuais para transcrever os movimentos e outros elementos da ASL em suas análises.

Each of the three ways of using the sig requires a symbol:

"^" up	}
"v" down	} vertical sig
"~" up and down	}
">" right	}
"<" left	} lateral sig
"z" right and left	}
"T" toward	}
"⊥" away	} to and fro sig
"I" to and fro	}

antiga quanto a própria espécie, e os primórdios de sua história são igualmente obscuros" [30] (Stokoe, 2005, p. 3). Ele defende que, há esse tempo, e, imerso em uma cultura, o sistema comunicacional derivaria em parte dos elementos visuais paralinguísticos, e, principalmente, do comportamento sinestésico da cultura. Sendo assim, diferentes caminhos propiciariam o desenvolvimento dessa comunicação. Contudo, ele defende que:

> Essa hipotética discussão sobre a origem e o desenvolvimento da língua gestual dos indivíduos congenitamente surdos em qualquer sociedade, não deve ser tomada como um pré-julgamento sobre a controversa questão das origens da linguagem. Certamente a resposta total do organismo precede a seleção de sistemas de sinalização vocais, manuais ou faciais, mas os sistemas de sinalização especiais dos surdos, [...], apenas podem ser desenvolvidos em uma cultura, construídos, operados e unidos por uma língua, um sistema de símbolos vocais arbitrários [31] (STOKOE, 2005, p. 4).

Stokoe defende a tendência que os indivíduos surdos têm de se agrupar e de desenvolver sistemas de comunicação visuais (independentemente da norma comunicativa, caso vivam isolados entre ouvintes), embasando-se em razões biológicas e linguísticas: a surdez pode ser oriunda tanto de patologias quanto da genética (e, por isso, ser plausível que vários integrantes de uma mesma família sejam surdos), o que favorece uma maior proximidade; e, os efeitos da ausência ou presença de uma língua comum sobre um grupo social são muito mais intensos que as diferenças dialetais dentre uma mesma língua. Para os surdos, a língua comum é fator de aproximação e agrupamento (STOKOE, 2005).

Stokoe, na primeira parte de seu artigo, traça um panorama histórico sobre a educação de surdos, e, desta forma, consegue perceber e delinear as mudanças nas concepções sobre as línguas de sinais. Como vimos na seção inicial deste capítulo, o abade l'Épée, educador de surdos na França, nos anos 1740, foi o primeiro a diferenciar sinais "naturais" de sinais "metódicos". Para ele, reproduzir, ou, ensinar os surdos a reproduzirem o que os professores ensinavam era algo fácil; difícil era ensiná-los a compreenderem o que copiavam, desenhavam e falavam/sinalizavam. Para Stokoe, l'Épée reconheceu a estrutura da questão

---

[30] No original: *Communication by a system of gestures is not an exclusively human activity, so that in the broad sense of the term, sign language is as old as the race itself, and its earliest history is equally obscure.*

[31] No original: *This hypothetical discussion of the origin and development of the gesture language of the congenitally deaf individual in any society is not to be taken as a prejudgment of the vexed question of language genesis. Surely total response of the organism precedes the selection of vocal or manual or facial signaling systems, but special signaling systems of the deaf, though a reversion in a way to the antelinguistic patterns of the race, can only develop in a culture, built, operated, and held together by a language, a system of arbitrary vocal symbols.*

educacional dos surdos e assim diferenciou-se de seus predecessores na área. L'Épée não foi o primeiro a perceber a existência de uma língua de sinais entre os surdos-mudos[32] – quem o fez foi Montaigne, dois séculos antes – mas foi o primeiro a aprendê-la, a usá-la e a tomá-la como meio de instrução no ensino da língua e cultura francesas para surdos-mudos em seu país. Daí a distinção entre sinais "naturais" e sinais "metódicos": aqueles seriam os sinais utilizados no dia-a-dia da comunicação dos surdos entre si, já estes seriam os sinais criados como meio de instrução da "gramática, e através dela, do ensino da arte do pensamento abstrato" (Stokoe, 2005, p. 5). Assim, com l'Épée surge o termo "a língua dos sinais naturais".

Apesar da historicidade desse termo, Stokoe defende que "a língua dos sinais é uma entidade falsa" [33] (STOKOE, 2005, p. 5 – grifo do autor). Ele entende "natural" como "icônico", em que um sinal representaria um objeto, em uma relação direta sinal - objeto. Discordando dessa nomenclatura, ele defende que uma língua "natural" não pode ser entendida fora de uma cultura. Ou seja, ele argumenta que um sinal é "natural" em determinada cultura:

> a maioria dos sinais tidos como naturais, necessária e indubitavelmente, no passado, são, claro, a parte da atividade comunicativa total de uma cultura que se relaciona a um grupo de circunstâncias específicas naquela cultura [34] (STOKOE, 2005, p. 5).

Sob esse ponto de vista, haveria mais de uma língua de sinais.

Ao concluir o percurso da história sobre a consideração das línguas de sinais, Stokoe afirma que "esta história nem sempre estabeleceu uma distinção entre os sinais, que são análogos a palavras, e a língua de sinais, que é um sistema com níveis correspondentes a uma organização fonológica, morfológica e semiológica" [35] (STOKOE, 2005, p. 7). Percebemos

---

[32] O termo "surdo-mudo" foi aqui utilizado tendo como referência a nomenclatura utilizada por Stokoe em seu texto, quando descreve o trabalho de l'Épée. Sabemos que, hoje, tal nomenclatura caiu em desuso no meio acadêmico. A condição orgânica de impedimento auditivo raramente vem acompanhada de uma inabilidade nos órgãos fonoarticulatórios e/ou laringe. Isso justifica a substituição do antigo termo *surdo-mudo*, por *surdo*. Hoje, também, utiliza-se o termo Surdo (com 's' maiúsculo), subentendendo-se a expressão e o engajamento à condição identitária linguística e cultural surda.

[33] No original: *the natural language of signs is a false entity.*

[34] No original: *most of the signs taken as natural, necessary, and unmistakable in the past are, of course, those parts of the total communicative activity of a culture which relate to a specific set of circumstances in that culture.*

[35] No original: *this brief history has not always distinguished between signs themselves, which are analogous to words, and a sign language which is a system with levels corresponding to phonological, morphological, and semological organization.*

com isso que Stokoe exerce uma visão crítica sobre o uso e a organização do sistema da língua de sinais. Ele então diferencia os sinais em três categorias: 1) NATURAIS – aqui se consideram os sinais caseiros, criados e compartilhados por um grupo limitado e específico de pessoas, geralmente no interior do seio familiar, bem como alguns gestos amplamente difundidos e bem conhecidos (tanto por ouvintes, quanto por surdos), como por exemplo, os gestos para "sim" e "não"; 2) CONVENCIONAIS – neologismos com ou sem empréstimos diretos de outra língua; 3) METÓDICOS – sinais que, originalmente, eram sinais padrão para elementos gramaticais e eram usados apenas no ensino da língua oral (Francês ou Inglês), como é o caso dos sinais equivalentes a preposições. Stokoe entende, portanto, que os sistemas de sinais do século XVIII e XIX, eram tidos, de fato, como "métodos de ensino, e não como sistemas linguísticos, ou, línguas, úteis a um uso coloquial" [36] (STOKOE, 2005, p. 7).

Ao louvar o trabalho de l'Épée, Stokoe ressalta o que o concerne:

> ninguém antes dele e poucos depois dele estiveram tão dispostos a encarar o fato de que o sistema simbólico através do qual pessoas desenvolvem todas as suas atividades comuns é, e tem que ser tratada como, uma *língua* [37] (STOKOE, 2005, p. 7 – grifo nosso).

Stokoe tinha em mente a configuração de um sistema de língua, e, para isso, buscou uma noção de linguagem que lhe servisse a esse propósito. Encontrou-a em Trager, e deslocou-a para servir a seus próprios objetivos teóricos. Para ele, então, a língua seria o "sistema cultural que emprega algumas das ações visíveis da face e das mãos, combina-as em sequências recorrentes, e arranja essas sequências em distribuição sistemática em relação umas às outras, e em referência a outros sistemas culturais" [38] (STOKOE, 2005, p. 16).

Mais do que ater-se às questões pertinentes à discussão sobre os sistemas de comunicação, e suas complexidades para os surdos, Stokoe interessava-se por descobrir como a língua de sinais se estruturava. O estudo da comunicação e dos métodos de ensino seria

---

[36] No original: *Both the eighteenth century and the modern systems are really methods of teaching, not languages capable of colloquial use.*

[37] No original: *none before him and all too few after him to the present day have been willing to face the fact that a symbol system by means of which persons carry on all the activities of their ordinary lives is, and ought to be treated as, language*.

[38] No original: *the cultural system which employs certain of the visible actions of the face and hands, combines them into recurrent sequences, and arranges these sequences into systematic distribution in relation to each other and in reference to other cultural systems.*

consequência desse entendimento. Ele buscava esquadrinhar o que era basilar à comunicação: a estruturação e sistematização da língua de sinais.

A segunda parte do artigo contém as reflexões linguísticas de Stokoe sobre essa estruturação da língua de sinais[39]. Ele a organiza da seguinte maneira: primeiramente, ele busca o que seria, na língua de sinais, correspondente ao funcionamento fonético nas línguas orais; em segundo lugar, ele faz uma análise desse funcionamento bem como da estrutura correspondente ao nível fonêmico; finalmente, a partir da elaboração de uma lista de morfemas, considerando a estrutura morfêmica dos sinais, ele delineia os procedimentos utilizados para a análise da morfologia e da sintaxe das línguas de sinais. Além disso, para as análises das estruturas, ele foi gradativamente criando um sistema de símbolos (ver nota 27) para transcrever esses elementos. Na busca pela forma da língua, ele encontrou muito mais e encaminhou um sentido para tudo o que descobriu.

Stokoe inicia suas análises pelos morfemas. Ele diz que tanto a soletração manual quanto os sinais, propriamente ditos, são morfemas; no entanto, são morfemas de dois sistemas estruturais completamente distintos (STOKOE, 2005, p. 17). A soletração manual é telegráfica, ao passo que a estrutura do sinal "permite uma considerável latitude linguística, porque o sinal em si mesmo não é isolado, mas é uma estrutura de elementos que admitem a variação linguística" [40] (STOKOE, 2005, p. 17). Além disso, assim como na datilologia dos numerais, a soletração manual opera em parte em uma apresentação estática de diferentes configurações[41], e em parte por movimentos. Já na língua de sinais propriamente dita sempre há o componente movimento em jogo. Ainda sobre a morfologia dos sinais, Stokoe faz uma consideração importante:

> O sinal claramente é, como o morfema, a menor unidade da língua que possuí significado. Isto é, [...] o significado reside, não na configuração, na posição, ou no movimento, mas na combinação única dos três. O sinal-morfema, no entanto, diferentemente da palavra, não é visto como sequencialmente, mas como simultaneamente produzido. [...] Os aspectos do sinal que parecem ter a mesma ordem

[39] "The present study is offered as a fairly complete statement of the first level of structure of the language", diz Stokoe (2005, p. 16).

[40] No original: *But the structure of the sign, [...], permits considerable linguistic latitude, because the sign itself is not an isolate but a structure of elements which themselves admit of linguistic variation.*

[41] De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a "soletração manual não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português" (p. 88). Além disso, palavras do português podem ser emprestadas à Libras, via soletração manual, complementam as autoras.

> de prioridade que os fonemas segmentais da cadeia falada, são os aspectos configuração [de mão], posição ou locação, e movimento[42].[43] (STOKOE, 2005, p. 20).

Stokoe supõe a existência de outros elementos na configuração morfológica dos sinais. Estipula até mesmo elementos suprassegmentais, mas não chega a analisá-los em virtude de seu propósito inicial ser, primeiramente, analisar os aspectos básicos da estruturação morfológica da língua de sinais. Interessante notar o ponto de vista de Stokoe sobre a necessidade, àquele momento, de uma descrição extensiva da configuração dos dados:

> Nesse momento, uma descrição extensiva da configuração dos dados não é necessária, uma vez que princípios operacionais de sistemas fonêmicos estão bem estabelecidos. Não é o valor absoluto da curvatura precisa ou da direção de um dedo que determina o ponto estrutural, mas o fato de que cada ponto estrutural é um dentre uma variedade de tais pontos tidos como diferentes uns dos outros pelos usuários da língua.[44] (STOKOE, 2005, p. 22).

Mais do que notar os detalhes dos aspectos delineados, Stokoe tinha em vista as generalizações que poderiam ser feitas, mas divisava também os limites de sua pesquisa. Ele explora, então, a formação dos diferentes quiremas[45], a partir das configurações de mão do alfabeto manual. Ele descreve as diferentes configurações (*dez*) e os diferentes movimentos (*sig*). Por exemplo, no alfabeto manual americano, a, s e t, são todos representados por um punho, o polegar, respectivamente deitado ao lado dos dedos fechados, apertando-os, ou enfiando-o entre o indicador e o terceiro dedo (vide Figura 1).

---

[42] Ao longo do artigo, Stokoe utiliza outra nomenclatura para esses aspectos. Para locação ele utiliza o termo *tabula* (tab); para configuração de mão ele lança mão do termo *designator* (dez); e para movimento ele se vale do termo *signation* (sig). A justificativa para essa designação mais acurada está em "evitar o tom sugestivo de mutualidade exclusiva que essas palavras tem no seu uso comum" (STOKOE, 2005, p. 20).

[43] No original: *The sign clearly is, as the morpheme, the smallest unit of the language to which meaning attaches. That is, […], the significance resides, not in the configuration, the position, or the movement but in the unique combination of all three. The sign-morpheme, however, unlike the word, is seen to be not sequentially but simultaneously produced. […] The aspects of the sign which appear to have the same order of priority and importance as the segmental phonemes of speech are the aspects of configuration, position or location, and motion.*

[44] No original: *At this time an extensive description of the configurational data is not needed, for the operating principles of phonemic systems are well established. It is not the absolute value, the precise curvature or direction of a finger that determines the structure point, but the fact that each structure point is one of a set of such points treated as different from the others in the set by all users of the language.*

[45] *Quirema* é o termo equivalente à *fonema*, em se tratando das línguas de sinais. Stokoe, lançando mão do termo grego *kirios*, que significa mão, dedicou-se a estudar o que ele denominou de quirologia – estudo fonológico das línguas de sinais.

Figura nº 1. Representação dos sinais “A”, “S” e “T”, na ASL, respectivamente. Fonte: (CHAFIN, 2009 p. 1;10).

Diz Stokoe que é evidente que as condições de visibilidade devem ser boas para que estas diferenças de configuração possam ser distinguidas, mas que a língua de sinais, no entanto, nunca faz um significativo contraste apenas com base nestas diferenças (Stokoe, 2005, p. 22). No entanto, o contraste se dá entre configurações de punho, e todas as outras configurações de “não-punho”. As mãos nas configurações a, s e t, são tidas então como “aloquiremas” (termo equivalente a alofones). Em relação ao aspecto movimento, poderia ser visto como um labirinto de movimentos, se não fosse possível aplicar a esse sistema visual os métodos da linguística estrutural, nos revela Stokoe (2005, p. 24): “operando para cada usuário da língua, em meio a uma quase infinita variedade de movimentos, está o princípio do contraste significativo” [46] (STOKOE, 2005, p. 24).

Uma vez delineados os aspectos e os constituintes da morfologia da língua de sinais, e discutida suas variantes e possibilidades dentro do sistema da língua, Stokoe passa a discutir brevemente sobre o caminho que a quirologia abre para se estudar a sintaxe. Um exemplo de funcionamento sintático apresentado por ele é o movimento de negação da cabeça[47]: esse movimento é para os surdos, assim como em nossa cultura ouvinte, uma resposta única e suficiente a algumas perguntas, e com outros sinais sinestésicos, pode variar desde uma recusa ou negação decisiva a um assentimento confidencial[48] (STOKOE, 2005, p. 32). Temos, por exemplo na Libras, o sinal “ir” em oposição a “não ir” em que esse movimento de cabeça

[46] No original: *The motional aspect of the sign would present a bewildering maze of movement were it not possible to apply to this visual system the clearly formulated methods of modern structural linguistics. Operating for each user of the language, in the midst of an almost infinite variety of movement, is the principle of significant contrast.*

[47] No original: *negative head shake*.

[48] No original: *This movement is for the deaf as well as the hearing in our culture sufficient answer alone to some questions, and with other kinesic signals may range from a decisive denial or refusal to a confidential assent.*

contém a negação. Assim, vários elementos devem ser considerados quando da análise sintática da língua de sinais.

Teríamos muito mais a comentar sobre Stokoe e sua obra. O que quisemos mostrar até aqui, ao retomar o percurso de suas reflexões, foi a gênese da consideração linguística das línguas de sinais. Nas próprias palavras de Stokoe

> Parece-nos que o trabalho realizado até aqui substanciou a alegação de que a atividade comunicativa de pessoas que usam essa língua [língua de sinais] é verdadeiramente linguística e suscetível a análises micro-linguísticas do mais rigoroso tipo. E de que sua análise quirológica e morfológica nesse presente estágio tornará possível a preparação de um léxico, agora em progresso, o qual poderá vir a ser mais do que uma lista de palavras Inglês-Sinal.[49] (STOKOE, 2005, p. 33).

Alguns anos mais tarde, Stokoe publicou um dicionário, diferente dos demais dicionários das línguas de sinais, uma vez que nele, os sinais foram arranjados de forma sistemática, de acordo com suas partes constituintes (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 31), e não de forma temática, explorando assim a lexicologia dos sinais. Após as primeiras publicações de Stokoe, muitos outros trabalhos foram desenvolvidos, sobretudo quanto à ASL. No Brasil, décadas mais tarde, também pesquisadores dedicaram-se ao estudo linguístico e gramatical da língua brasileira de sinais. Na próxima seção conheceremos alguns deles e suas contribuições à reflexão linguística sobre as línguas de sinais.

1.3 Estudos linguísticos das línguas de sinais no Brasil

Quando olhamos para a história das línguas de sinais no Brasil, deparamo-nos com uma história bem mais recente do que os séculos de tradição europeia e as décadas de estudos norte-americanos. Apesar de relativamente recente, nossa história contém vários estudos e autores de renome no Brasil que se dedicam a estudar a língua brasileira de sinais (Libras).

---

[49] No original: *[...] the work so far accomplished seems to us to substantiate the claim that the communicative activity of persons using this language is truly linguistic and susceptible of micro-linguistic analysis of the most rigorous kind. And the cheremic and morphocheremic analysis at its present stage will make possible the preparation of a lexicon, now in progress, which can be more than an English-Sign language word-list.*

Citaremos a seguir alguns desses pesquisadores e seus trabalhos, utilizando para critério de seleção, o desenvolvimento das pesquisas no âmbito de cursos brasileiros de graduação e pós-graduação em Letras.

As línguas de sinais e as comunidades surdas brasileiras há um bom tempo já vem sendo objeto de estudo no meio acadêmico em diversas áreas e níveis de especialidades. Os primeiros estudos datam da década de 80. Lucinda Ferreira-Brito, por exemplo, em 1982, iniciou seus estudos sobre a língua de sinais dos índios Urubu-Kaapor, uma língua de sinais específica daquele grupo indígena, compartilhada e usada por todos os integrantes da tribo, situada ao sul do Maranhão, incluindo seus pares ouvintes. Depois, dedicou-se a analisar a estruturação da Libras, e propôs uma gramática da língua de sinais (FERREIRA-BRITO, 1995). Alguns anos mais tarde, destacaram-se os trabalhos de Quadros (1995, 1999) e Karnopp (1994, 1999), sobre aspectos da aquisição da língua de sinais.

Quadros e Karnopp (2004), ao afirmarem que o interesse em relação ao estudo das línguas de sinais é crescente, sugerem que "[…] as línguas de sinais podem fornecer novas perspectivas teóricas sobre as línguas humanas, sobre os determinantes da linguagem e o processo de aquisição e desenvolvimento de uma língua que apresenta certas particularidades em relação às línguas orais" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 37), evidenciando a riqueza e a complexidade dessa modalidade de língua.

No Brasil, com a Lei nº 10.436/2002 - que reconheceu a língua brasileira de sinais (Libras) "como meio legal de comunicação e expressão"-, e o Decreto nº 5.626/2005 - que regulamentou a Lei, estendeu a inserção da Libras aos currículos dos cursos de Licenciatura e garantiu a inclusão dos surdos na educação básica e superior -, diversos temas relacionados à língua de sinais e à comunidade surda tem sido (re)discutidos nos meios acadêmicos e o debate em torno, principalmente, das políticas educacionais para os surdos tem sido alçado por todo o país. Outro tema de importante relevância é a função do tradutor-intérprete de Libras, que tem sido estudada em cursos de graduação (um exemplo é o curso Letras-Libras, oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina, em diversos polos em todos os estados brasileiros) bem como o reconhecimento da profissão de tradutor-intérprete, que foi regulamentada, no Brasil, no ano de 2010 (Lei nº 12.319/2010), e que tem balizado diversas pesquisas acadêmicas em torno desse profissional.

Assim, temos que em diversas áreas de estudos as intercorrências da organização social, educacional e política dos surdos está presente, permeada intrinsecamente pela discussão em torno de sua língua. Alguns pesquisadores tem se dedicado a estudar especificamente a Libras, em sua organização e estruturação próprias. Dentre eles destacamos Quadros e Karnopp (2004) que descrevem e analisam a Libras, explorando e exemplificando os níveis fonológico, morfológico e sintático de análise da mesma, além de discutirem sobre a relação entre a Linguística e a Libras.

Em suas reflexões, elas tem como pressuposto teórico que "[...] a linguagem é restringida por determinados princípios (regras) que fazem parte do conhecimento humano e determinam a produção oral ou visuoespacial", de que esses princípios são universais, e de que "[...] as investigações de aspectos específicos de cada língua revelam as características da linguagem humana" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 16). Ao exemplificar os traços que alguns linguistas consideram essenciais às línguas, as autoras afirmam que "a língua é um sistema padronizado de sinais/sons arbitrários, caracterizados pela estrutura dependente, criatividade, deslocamento, dualidade e transmissão cultural" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 28). Elas fazem também referência à obra de Stokoe, ressaltando que ele

> [...] observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma complexa estrutura interior [...] foi o primeiro, portanto, a procurar uma estrutura, a analisar os sinais, dissecá-los e a pesquisar suas partes constituintes (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30).

Buscando definir ainda mais a noção de língua natural, elas caracterizam que "uma língua natural é uma realização específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30), e lançam mão da definição formal de língua estabelecida por Chomsky: "um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos" (CHOMSKY apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30). Assim, conforme aponta Leite (2008), a sintaxe da Libras tem sido estudada principalmente sob a perspectiva da gramática gerativa, por meio dos trabalhos das autoras citadas – Quadros (1999) e Quadros e Karnopp (2004). As autoras ainda destacam que "as línguas de sinais são, [...], consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como

uma patologia da linguagem" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 30), ideia esta, por vezes, ainda ignorada pela maioria da população ouvinte.

Levando em consideração a naturalidade das línguas de sinais, e os estudos de Stokoe, assim como o fizeram Quadros e Karnopp (2004), encontramos a pesquisa de Cruz (2008) que trata sobre a consciência fonológica de crianças surdas. A fundamentação teórica de Cruz é interessante: "ao analisarmos os níveis linguísticos contata-se que a língua de sinais se estabelece por meio de uma fonologia que não possui som, morfologia de contrastes espaciais e temporais superpostos e sintaxe organizada espacialmente" (CRUZ, 2008, p. 22). Ou seja, ela destaca as especificidades linguísticas da língua de sinais.

Cabe também destacarmos aqui os trabalhos de Leite (2008) e Moreira (2007), ambos filiando-se à perspectiva linguística cognitivista, explorando elementos internos da Libras, tais como a descrição da dêixis de pessoa (MOREIRA, 2007) e a segmentação do discurso em unidades gramaticais (LEITE, 2008). Moreira introduz em sua dissertação os primórdios da linguística em Saussure, mas ressalta que

> A linguística ignorou, por muitos anos, o fato de as línguas sinalizadas emergirem naturalmente, como qualquer outra língua natural, em comunidades de surdos, e de serem línguas estruturadas, apresentando uma gramática, sinais com uma estrutura fonético-fonológica, morfológica, sintática, e características discursivas e pragmáticas como qualquer outra língua de modalidade oral. (MOREIRA, 2007, p. 15).

Ela também destaca o pioneirismo das pesquisas de Stokoe e sua primordial importância para "o início da transformação da visão sobre as línguas de sinais serem objeto de estudo da linguística" (MOREIRA, 2007, p. 15). Leite reafirma que

> desde os estudos de Stokoe, [...] um esforço considerável por parte dos pesquisadores das LSs tem sido feito no sentido de demonstrar que essas línguas, assim como as LOs [línguas orais], compartilham as propriedades básicas das línguas naturais, como a produtividade e a arbitrariedade (LEITE, 2008, p. 33).

Com a tese de Leite, também, considerações sobre a gestualidade e a prosódia na língua de sinais são apresentadas levando em conta as perspectivas da análise da conversa e da gramática baseada no uso. Ressalta Leite que, "se estudos da prosódia das LSs são recentes, estudos que analisam a prosódia dessas línguas considerando questões relativas à forma e função da gestualidade são praticamente inexistentes" (LEITE, 2008, p. 45). Segundo ele,

> trata-se de uma proposta que ainda carece de investigação, mas que pode trazer um olhar renovado sobre esse domínio da mesma maneira que foi apontado para outros níveis de análise como os da fonologia, a morfologia e a sintaxe. (LEITE, 2008, p. 45).

Muitos outros trabalhos foram e têm sido desenvolvidos nas mais diversas linhas de pesquisa, das mais variadas áreas de concentração (não só aqui no Brasil, mas também, originalmente nos Estados Unidos[50]). A história das pesquisas linguísticas sobre as línguas de sinais, em especial, a brasileira, ainda tem um longo percurso pela frente. Como bem aponta Leite,

> Livres dos mitos e preconceitos sobre a relação entre língua e gesto, e livres da responsabilidade de ter que demonstrar que as LSs eram iguais às LOs em todos os seus níveis de análise, muitos pesquisadores iniciaram então uma investigação séria sobre as possíveis diferenças entre as LSs e as LOs, e os resultados tem trazido uma nova luz sobre problemas que permaneceram por muito tempo obscuros na área – além de contribuir com uma nova perspectiva sobre questões relacionadas às próprias LOs. (LEITE, 2008, p. 34).

Vemos, portanto, na multiplicidade de pesquisas sobre a língua brasileira de sinais, reflexos dos encaminhamentos que as primeiras descobertas de Stokoe originaram para os estudos linguísticos das línguas de sinais. E a trilha não para por aqui.

1.4 Encaminhamentos

Neste capítulo sobre a gênese do campo de estudos linguísticos da língua de sinais, vimos brevemente a trajetória de pesquisa de precursores europeus, norte-americanos, e brasileiros. Detivemo-nos mais no percurso de Stokoe, o “pai das línguas de sinais”, destacando as particularidades de seu pensamento, e ressaltando a perspectiva linguística que tinha por princípio a consideração dos contrastes (diferenças) entre as formas, na delimitação

[50] Por fugir ao escopo deste trabalho, não fizemos aqui referência textual a todas as pesquisas e autores que tem se dedicado ao estudo das LSs. Há diversos linguistas norte-americanos com trabalhos de análise bastante importantes sobre as LSs e a ASL, principalmente. O leitor interessado poderá encontrar mais detalhes em Klima e Bellugi (1979), Liddell (2003), e Taub (2001), por exemplo.

das unidades, aspecto que será de suma importância para o encaminhamento do estatuto linguístico das LSs que apresentaremos nos próximos capítulos.

No próximo capítulo, exploraremos com mais afinco a concepção de linguagem, de língua e de fala, oriundas do pensamento saussuriano, e suas implicações para a corroboração do estatuto linguístico das línguas de sinais.

2 A LINGUÍSTICA SAUSSURIANA

O presente capítulo visa justificar a escolha da Linguística saussuriana; citaremos os principais elementos que embasam essa Linguística. Justamente porque trata de questões fundamentais a uma concepção de língua, discutindo sua natureza, seus constituintes, seu mecanismo de funcionamento, e suas relações com outros sistemas semiológicos é que a Linguística saussuriana interessa aqui. Para rediscutir aquilo que se denomina de linguístico (o estatuto das línguas de sinais), é mister compreender os pressupostos fundantes de tal Ciência e seus possíveis deslocamentos para as línguas de sinais.

O capítulo está dividido em três partes: na primeira, abordaremos a proposta saussuriana de uma maneira mais ampla, tomando por base, principalmente o *Curso de Linguística Geral* (CLG) (1916/2006), sem deixar de apresentá-lo, contextualizando-o e complementando-o com alguns pontos dos *Escritos de Linguística Geral* (ELG) (2002) que reforcem a concepção saussuriana de língua; na segunda, dedicaremo-nos ao estudo do signo linguístico, sua natureza, seus constituintes e os princípios que o regem; por fim, trataremos do mecanismo da língua, como ele a transforma, a modifica e a faz continuar.

2.1 A proposta saussuriana

Nesta seção inicial, elencaremos de que forma a proposta de constituição de uma Ciência Linguística, que tem por único objeto a língua nela e por ela mesma, nos fornece subsídios para pensarmos sobre a própria natureza da linguagem. Cremos que essa foi a grande proposta de Saussure ao abrir espaço para uma Ciência até então pouco explorada cientificamente. Iremos discutir porque o cientificismo é tão importante para fundamentar argumentos de qualquer natureza sobre qualquer objeto, apesar de “a forma teórica e ideal de uma ciência nem sempre ser a forma que lhe impõem as exigências da prática” (CLG, 2006, p. 115).

O registro é fundamental para a descrição da história de uma língua. De que forma se tem registrado as línguas (de sinais)? Que forças estão em jogo nelas? Pois isso, quando da definição da matéria da Linguística, foi importante para Saussure. Outro questionamento

levantado por ele diz respeito à delimitação da Linguística em relação às outras ciências. No caso das línguas de sinais, podemos vislumbrar várias ciências que se prestariam a estudá-las, tais como: a Física do movimento/dinâmica, o Teatro, as Artes, a Psicologia, a Antropologia, a Medicina, a Fonoaudiologia, entre outras. Nenhuma delas, contudo, poderia fornecer informações essenciais e exclusivas sobre a língua em si, a não ser a Linguística. A Física, por exemplo, poderia prestar esclarecimentos sobre a realização dos movimentos dos/nos sinais, contudo essa relação com o estudo linguístico seria unilateral, uma vez que "o essencial da língua é estranho ao caráter fônico do signo linguístico" (CLG, 2006, p. 14). Podemos dizer, com Saussure, que o essencial da língua é estranho ao caráter *visoespacial* do signo linguístico nas línguas de sinais. Há algo muito particular no objeto da Linguística e o procedimento para sua delimitação constitui-se em uma perspectiva teórica singular: "bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto" (CLG, 2006, p. 15).

Encontramos nos *Escritos de Linguística Geral*[51] (SAUSSURE, 2002) alguns princípios que destacamos aqui como principais por integrarem a proposta saussuriana sobre a noção de língua, já antecipando um pouco a discussão que traremos na próxima seção. Durante sua participação em três conferências na Universidade de Genebra, em novembro de 1891, Saussure apresenta três princípios gerais ao estudo da linguagem: 1) o da continuidade da língua no tempo; 2) o da mutabilidade da língua no tempo; 3) e o da unidade e da divergência da língua no espaço. O primeiro princípio garante a "transmissão do falar humano, sejam quais forem, à volta da língua, as revoluções e os abalos [...]" (ELG, 2002, p. 133). Aliás, em momento algum há ruptura na "trama contínua da linguagem" (ELG, 2002, p. 133), e não se pode conceber que isso possa acontecer. Isso porque "cada indivíduo emprega, no dia seguinte, o mesmo idioma que falava no anterior" (ELG, 2002, p. 133). Trazendo o exemplo do "excêntrico" Boguslawski, que durante 20 anos, no primeiro e no décimo quinto dia de cada mês foi fotografado na mesma pose, Saussure argumenta que:

> se tivesse sido possível [...] fonografar dia a dia, desde a origem, tudo o que foi expresso em fala sobre o globo ou sobre uma parte do globo, as imagens da língua seriam sempre semelhantes de um dia para outro, mas consideravelmente diferentes e, às vezes incalculavelmente diferentes de 500 em 500 anos ou mesmo de 100 em 100 anos (ELG, 2002, p. 137).

[51] Esta é uma obra póstuma, assim como o CLG, e reúne a transcrição de manuscritos de Saussure a respeito da linguística em geral. Foi organizada e editada por Simon Bouquet e Rudolf Engler, e publicada originalmente em francês em 2002, pela Éditions Gallimard.

Com isso, ele desenvolve o segundo princípio que é o do movimento da língua no tempo, "mas de um movimento que, em momento algum, *já que tudo está ali*, chega a entrar em conflito com o primeiro princípio, da unidade da língua no tempo" (ELG, 2002, p. 137 – grifos do autor). Ou seja, há transformação na língua, mas não há "reprodução ou produção de um ser linguístico novo, com existência distinta do que o precedeu e do que se seguirá a ele" (ELG, 2002, p. 137). Saussure vai além nessa constatação:

> Nada de línguas mães, nada de línguas filhas, mas uma língua uma vez dada, que rolará e se desenrolará indefinidamente no tempo, sem nenhum termo prefixado à sua existência, sem que haja, nem mesmo, a possibilidade interior de acabar se não houver acidente, nem violência, se não houver uma força maior, superior e exterior que venha aboli-la (ELG, 2002, p. 137).

As transformações na língua remetem a duas causas: a mudança fonética, fenômeno das operações puramente mecânicas dos sons da fala, e a mudança analógica, operação inteligente sobre as ideias e sentidos da língua. Declara Saussure que "não haverá jamais criação *ex nihilo*, mas cada inovação será uma nova aplicação de elementos fornecidos pelo estado anterior da linguagem" (ELG, 2002, p. 140). Temos então que, a todo o instante, a língua se continua e se transforma no tempo.

Por fim, Saussure adiciona mais um parâmetro no conjunto de elementos que atuam sobre a língua, sintetizando o terceiro princípio: o espaço. Ele pondera que

> se uma mesma língua se espalha em um momento determinado sobre certa extensão de território, o resultado da mudança inevitável, ao fim de cem ou duzentos anos, *não é o mesmo* nos diferentes pontos desse território, tenha ele um diâmetro de quinhentas ou seiscentas léguas ou de cinco ou seis léguas (ELG, 2002, p. 145 – grifos do autor).

Encontramos ancoragem para esses princípios também em Câmara (1999), em seu estudo da língua portuguesa sob um enfoque estrutural. Ele argumenta que há uma enorme variabilidade no uso da língua, em determinado momento, quanto ao espaço e à hierarquia social, o que origina os dialetos regionais e sociais, respectivamente. Segundo Câmara, "a invariabilidade profunda, em meio de variabilidades superficiais, é inegável nas línguas" (CÂMARA, 1999, p. 16). Ele conclui que o "princípio das invariantes nas variações"[52] é a chave de toda a descrição linguística bem como cria o conceito de *padrão*.

[52] De acordo com Câmara, esse princípio foi formulado pelo linguista Roman Jakobson, em 1967 (JAKOBSON apud CÂMARA, 1999, p. 16).

Assim, distância cronológica e distância geográfica são os fatores que influenciam na continuidade e ao mesmo tempo na mutabilidade da língua e suas unidades. Esses três princípios acima elencados também são comportados pelas línguas de sinais, e nas próximas seções exploraremos mais detidamente a continuidade/unidade, via valor/relação, o interno que se mantém nessa língua.

2.1.1 O Curso de Linguística Geral

Aqui vamos apresentar nossa principal fonte teórica de análise: o *Curso de Linguística Geral* (CLG) (1916/2006). Apresentaremos algumas condições de sua publicação, algumas histórias sobre sua constituição e outras informações úteis sobre o *corpus* saussuriano. No prefácio à edição brasileira do *Curso de Linguística Geral*, Isaac Nicolau Salum traz algumas informações importantes quanto à publicação do CLG. Dentre elas, destacamos que a versão inglesa, feita por Wade Baskin, foi publicada em Nova York, Toronto e Londres no ano de 1959. A publicação dessa versão praticamente coincide com a data das primeiras publicações de Stokoe, como vimos no capítulo 1. Qualquer semelhança teórica e de ponto de vista sobre a língua(gem) entre os dois autores é percebida a *posteriori* e aqui os aproximamos e comparamos para os fins a que este trabalho se propõe.

A problemática da linguagem continua estabelecida: o que é linguística? O que faz um linguista? E, quais as fronteiras e limites da linguagem? Essas são algumas das questões que o campo de estudos da linguagem ainda se pergunta. O CLG, nas palavras de Salum, é um "livro clássico [...], o ponto de partida de uma problemática que continua na ordem do dia" (CLG, 2006, p. 15). Longe de encerrar e responder a esses questionamentos, o "*Cours* levanta uma série intérmina de problemas" (CLG, 2006, p. 16).

O CLG é fruto da compilação de materiais e anotações de alunos de Ferdinand de Saussure que participaram de seus cursos. O primeiro curso foi ministrado em 1907, e tratava sobre a linguística evolutiva; o segundo, em 1908/1909, esquadrinhava as linguísticas sincrônica e diacrônica; o terceiro, por sua vez, focava a linguística externa - cujo programa defendia partir-se das línguas para se chegar à *língua*, na sua universalidade e, daí, ao exercício e faculdade da linguagem nos indivíduos - e foi ministrado entre os anos de 1910 e

1911. O CLG apesar de ser uma obra póstuma, e de ser dispensado por muitos linguistas da atualidade, não pode e não consegue ser superado, a não ser que seja lido, examinado e discutido. Os conceitos saussurianos apresentados no CLG muito têm a nos dizer sobre a linguagem, e contribuem de forma especial (não necessariamente explícita) à reflexão sobre o estatuto linguístico das línguas de sinais, justamente pelos princípios linguísticos que apresenta e defende. Dada a importância histórica e teórica do CLG, centraremos a argumentação e as análises sobre os caracteres das línguas de sinais a partir dele, sem desconsiderar algumas partes de textos presentes nos *Escritos de Linguística Geral* (Cultrix, 2002) – uma obra organizada e editada por Simon Bouquet e Rudolf Engler, a partir de manuscritos de Saussure, descobertos em 1996 - como já o fizemos na seção anterior. Comecemos pelas primeiras noções que são abarcadas no CLG: linguagem, língua e fala.

2.1.1.1 Linguagem, língua e fala

Nesta seção iremos retomar o que é cada um dos conceitos, de que forma se interrelacionam no CLG, e as definições que o mesmo traz para cada uma dessas noções, buscando ilustrá-las com exemplos da Libras, para melhor servir aos nossos propósitos.

A língua de sinais é uma das manifestações da linguagem humana, portanto também integra a matéria da ciência linguística a qual Saussure buscava definir:

> A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana [...] considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a "bela linguagem", mas *todas as formas de expressão* (CLG, 2006, p. 13 – grifos nossos).

O CLG retrata a dificuldade em se definir o objeto da Linguística justamente a partir da premissa de que o ponto de vista forja o objeto da análise. Enquanto outras ciências trabalham com objetos dados previamente que podem ser considerados de vários pontos de vista, na Linguística a anterioridade do objeto não é possível, ela não acontece. O CLG exemplifica essa premissa através da análise de uma palavra - "nu". Essa palavra poderia ser vista de diversas maneiras, tais como expressão de uma ideia, um som ou correspondente ao latim *nudum*, etc. Nas línguas de sinais ocorre o mesmo. Tomemos como exemplo o sinal "mãe". Conforme a maneira pela qual consideramos o sinal, temos coisas diferentes: uma

imagem, a expressão de uma ideia também, correspondente ao sinal "mãe" na ASL, etc. Nenhuma dessas maneiras de se olhar para a língua é anterior ou superior às outras, esclarece o CLG. Assim, na área de estudos das línguas de sinais, temos, por exemplo, como vimos no capítulo 1, o trabalho de Leite (2008), Quadros (1999), o de Moreira (2007), e a proposta que ora apresento: cada um olha para a Libras a partir de um ponto de vista, e nenhum é anterior (mais basilar, mais fundamental) que o outro. Concluímos, assim como Flores, que "teremos tantas linguísticas [das línguas de sinais, no nosso caso] quantos pontos de vista houver" [53].

O CLG, no entanto, apresenta algo que é permanente no fenômeno linguístico, independentemente do ponto de vista que se adote: suas duas faces constantes. Temos, de um lado, a impressão acústica (os segmentos articulados) e, de outro, os órgãos vocais. Nas línguas de sinais há a impressão – que aqui chamamos de – "espacial" (sinais articulados) de um lado, e os órgãos de expressão "visual" (corpo, mãos, face), de outro. A Libras, por exemplo, não é só movimento; por isso não conseguiremos definir as expressões visuais corporais se desconsiderarmos as impressões espaciais. Isso demonstra que as duas faces se correspondem perpetuamente (CLG, 2006, p. 15). A língua é formada por unidades materiais e mentais, não necessariamente auditivas. Assim, nas línguas de sinais também depreendemos essa correspondência de componentes.

Seja como for, "qualquer que seja o lado por que se aborde a questão [do objeto da Linguística], em nenhuma parte se nos oferece integral" (CLG, 2006, p. 16). A língua é então tomada como norma de todas as outras manifestações da linguagem; ela é uma parte determinada da linguagem. Ela é "ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem [*a* língua – termo no singular] e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos [*as* línguas – termo no plural]" (CLG, 2006, p. 17). As diferentes línguas são fruto das diferentes convenções adotadas por determinados corpos sociais e a Libras, por exemplo, nesse sentido, é uma convenção dos surdos brasileiros. O CLG complementa, ainda, a definição de língua como "um todo por si e um princípio de classificação" (CLG, 2006, p. 17), o que confere a ela a primazia dentre os fatos de linguagem. Na primeira conferência na Universidade de Genebra, encontramos uma frase que sintetiza a implicação língua/linguagem:

> Querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar as diversas manifestações que, evidentemente, são as *línguas*, é uma empreitada absolutamente

[53] Conforme anotações de aula.

> inútil e quimérica; por outro lado, querer estudar as línguas esquecendo que elas são primordialmente regidas por certos princípios que estão resumidos na ideia de *linguagem* é um trabalho ainda mais destituído de qualquer significação séria, de qualquer base científica válida (ELG, 2002, p. 129 – grifos do autor).

No CLG, Saussure traz como exemplo de posicionamento sobre a natureza da língua, a opinião de Whitney. Para esse linguista, a língua é uma instituição social da mesma espécie que todas as outras e que é por acaso e por simples razão de comodidade que nos servimos do aparelho vocal como instrumento da língua; "os homens poderiam também ter escolhido o gesto e empregar imagens visuais em lugar de imagens acústicas" (CLG, 2006, p. 17). A tese de Whitney, na visão de Saussure, é um tanto absolutista, e o mesmo discorda de que seja por acaso que lancemos mão do aparelho vocal como instrumento, mas concorda que a língua seja uma convenção e que, por isso, a natureza do signo linguístico seja indiferente. Para Saussure, a "questão do aparelho vocal se revela, pois, secundária no problema da linguagem" (CLG, 2006, p. 18), ao que complementa ser natural ao homem a faculdade de constituir uma língua, um sistema de signos distintos, correspondentes a ideias distintas. Consideramos que, se a língua vai ser manifestada, realizada, por meio fônico ou visoespacial, é indiferente na constituição do sistema, o que é corroborado pelo CLG: "tudo isso nos leva a crer que, acima desses diversos órgãos, existe uma faculdade mais geral, a que comanda os signos e que seria a faculdade linguística por excelência" (CLG, 2006, p. 18). Essa faculdade desempenha o principal papel na organização da língua enquanto sistema; tal é a faculdade de associação e coordenação "que se manifesta desde que não se trate mais de signos isolados" (CLG, 2006, p. 21). Por não considerar os signos isoladamente, a faculdade opera na base das *relações*. Este é um conceito muito importante e que permeia outras noções tais como a de *sistema* e a de *valor* (que detalharemos no capítulo 3). Saussure traz ainda que "as relações e as diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores [...]" (CLG, 2006, p. 142). Na seção 2.1.1.3, sobre o mecanismo da língua, serão exploradas essas duas esferas que são as relações sintagmáticas e associativas. Enfim, a faculdade de associação e coordenação organiza as línguas de sinais enquanto sistema, uma vez que se manifestam relações de diversas ordens entre os signos que as constituem.

Situando a problemática da busca pela "verdadeira natureza da língua", temos que:

> Se se quiser descobrir a verdadeira natureza da língua, será mister considerá-la [...] no que ela tem de comum com todos os outros sistemas da mesma ordem; e fatores linguísticos que aparecem, à primeira vista, como muito importantes (por exemplo: o

> funcionamento do aparelho vocal), devem ser considerados de secundária importância quando sirvam somente para distinguir a língua dos outros sistemas. Com isso, não apenas se esclarecerá o problema linguístico, mas acreditamos que, considerando os ritos, os costumes, etc. como signos, esses fatos aparecerão sob outra luz, e sentir-se-á a necessidade de agrupá-los na Semiologia e de explicá-los pelas leis da ciência. (CLG, 2006, p. 25).

Dentre os "sistemas de signos que exprimem ideias" apresentados por Saussure – os ritos simbólicos, a escrita, as formas de polidez, os sinais militares, o alfabeto dos surdos-mudos (CLG, 2006, p. 24) –, a língua destaca-se como instituição social classificável entre os fatos humanos, uma das manifestações da linguagem humana, e constitui-se conquanto o principal desses sistemas. O quê confere a primazia à língua dentre os diversos sistemas de signos, são os seus caracteres, assim destacados no CLG: 1) a língua é uma *parte social* da linguagem, *exterior ao indivíduo*; 2) a língua possui um *organismo linguístico* passível de ser assimilado mesmo se determinada língua não é mais falada; 3) a língua possui uma *natureza homogênea*, e constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes são igualmente psíquicas; e, finalmente 4) a língua é um objeto de *natureza concreta*, ou seja, o signo linguístico é psíquico, mas não é uma abstração (CLG, 2006, p. 23).

Se compararmos esses caracteres da língua aos outros sistemas (ritos simbólicos, sinais militares, alfabeto dos surdos-mudos, etc.), veremos que não se aplicam integralmente a eles. Tal constatação talvez pudesse levar o leitor a pensar que Saussure desconsiderasse as línguas de sinais, por citar o alfabeto dos surdos como outro sistema. Cabe aqui uma ressalva: tomando o exemplo do alfabeto dos surdos-mudos, citado por Saussure, vemos que sim, ele é exterior aos indivíduos surdos, contudo não possui um organismo linguístico, e, portanto não é língua de sinais[54]; não possui natureza homogênea e concreta. No alfabeto manual utilizado pelos surdos, há uma relação direta sinal/letra do alfabeto da língua oral. Assim, na datilologia – que é esse recurso empregado pelos surdos para representar as letras do alfabeto da língua

[54] Apesar de o uso do alfabeto manual/datilologia em nomes próprios da Libras ser recorrente (constituindo-se em um exemplo de empréstimo linguístico do português, conforme apontamos na nota 41) , essa diferenciação entre os sinais da língua e a datilologia está presente também na reflexão de Stokoe sobre a quirologia, o estudo fonológico das línguas de sinais, como vimos no primeiro capítulo desta dissertação. Ele compara a datilologia à sinalização dos "sinais" propriamente ditos, e conclui que aquela possui a natureza simbólica de um sistema gráfico, equivalente a grafemas e alografemas, enquanto que os sinais são compostos por diferentes segmentos, o que lhes confere uma natureza *essencialmente* linguística. Assim, entendemos que o "alfabeto dos surdos-mudos" integra o sistema, faz parte das línguas de sinais, mas não está sujeito ao funcionamento sistemático, ao mecanismo de funcionamento da língua. Ele é um *outro* sistema, que dá suporte, na qualidade de empréstimo linguístico, ao sistema da língua de sinais.

oral –, ou alfabeto manual, há uma relação de equivalência e forte simbolismo. A datilologia serve para fazer uma transposição interlíngua, e não se enquadra nos quatro caracteres elencados acima. Ou seja, assim como nos sinais militares e nas formas de polidez, no alfabeto dos surdos destaca-se mais sua natureza simbólica, do que sua natureza linguística (apesar de toda natureza linguística ser também simbólica), o que é diferente nos sinais propriamente ditos, porquanto estes são intrínsecos à organização e sujeitos ao sistema da língua de sinais, enquanto aqueles não o são. O "alfabeto dos surdos-mudos" não está sujeito ao sistema da língua de sinais. Entendemos assim, que Saussure, ao citar o alfabeto manual, não estivesse se referindo a toda a língua de sinais, haja vista encontrarmos em outra passagem do CLG o termo "linguagem dos surdos-mudos" (CLG, 2006, p. 91).

Observamos que a secundariedade de alguns fatores linguísticos para a depreensão do conceito de língua é algo que permeia a reflexão linguística no CLG, e, além disso, que a inclusão de outras formas de significação como objetos da Semiologia se faz presente. Isso permite uma visão mais ampla no que diz respeito às diferentes formas de significação na linguagem, e, como veremos detalhadamente mais adiante, o denominador comum está no signo, e algo dele sempre escapa à vontade individual ou social: "na língua [...] não existe senão a imagem acústica e esta pode traduzir-se numa imagem visual constante" (CLG, 2006, p. 23).

"Os signos da língua são tangíveis", sentencia Saussure, "a escrita pode fixá-los em imagens convencionais, ao passo que seria impossível fotografar em todos os seus pormenores os atos da fala" (CLG, 2006, p. 23). Essa afirmação encaminha o seguinte questionamento: é possível fixar os fenômenos relativos às línguas de sinais? É possível representá-las fielmente? Concordamos quando Saussure declara no CLG que "a abundância de documentos permitiria acompanhar pormenorizadamente a evolução dos idiomas" (CLG, 2006, p. 11), e ficamos pensando de que forma as línguas de sinais vem sendo registradas[55]: como acompanhar-lhes a evolução, por essa perspectiva?

A esse respeito entendemos que, em primeiro lugar, a noção de fidelidade em representação linguística é relativa e singular a quem a representa, e em segundo, que a

[55] Existe um sistema gráfico de representação dos sinais da Libras, oriundo de um sistema chamado *SignWriting*, que foi desenvolvido a partir dos anos 1970, e que integra o *Sistema de Escrita e Notação de Movimento Sutton* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001). O *SignWriting* é um sistema de escrita visual direta de sinais, e o seu emprego é utilizado como instrumento para permitir escrever e ler os sinais da Libras. Stumpf e Quadros (2010) possuem um artigo publicado no periódico *Cadernos de Tradução* escrito inteiramente em *SignWriting*.

possibilidade de fixação dos signos prescinde de uma abordagem metodológica mais sobre a língua, do que sobre a fala. Não é a fixação (ou não) dos signos que define os caracteres da língua. Ela subjaz a essa possibilidade. A questão, portanto, de como se tangenciar as associações significantes nas línguas de sinais se resolve se nos ativermos aos sinais e não à realização dos mesmos (o que constituiria a *fala*). A sinalização pode fixar os signos em imagens convencionais. Temos, por exemplo, dicionários ilustrados de sinais da Libras[56] que, por essa perspectiva, fixam os signos.

O CLG contém um capitulo especialmente dedicado a discutir a representação da língua pela escrita. Nele encontramos a definição de língua enquanto "produto social depositado no cérebro de cada um, que difere de acordo com os grupos linguísticos" (CLG, 2006, p. 33). A língua e a escrita são tidas como dois sistemas distintos de signos (CLG, 2006, p. 34), e "conquanto a escrita seja, por si, estranha ao sistema interno, é impossível fazer abstração dum processo por via do qual a língua é ininterruptamente representada" (CLG, 2006, p. 33). Ou seja, a escrita não dá conta da fala, e muito menos das constantes associações e coordenações que se operam no sistema. A escrita, então, tem seus limites muito bem postos. Apesar da importância, do prestígio conferido à fala – muitas vezes maior do que ao próprio signo, como acusa o CLG, "como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto" (CLG, 2006, p. 34) – a conservação da língua não é comprometida pela ausência de escrita (CLG, 2006, p. 34). As línguas de sinais são a prova disto. Da mesma forma como "a língua tem uma tradição oral independente da escrita e bem diversamente fixa" (CLG, 2006, p. 35), nas línguas de sinais, há a consolidação de uma tradição na "realização" visoespacial, independente da escrita[57], também, embora, como o próprio Saussure afirma no CLG em relação à língua, o prestígio da forma escrita nos impede de ver essa tradição: "ainda hoje, homens esclarecidos confundem a língua com sua ortografia" (CLG, 2006, p. 35).

Há, segundo o CLG, quatro razões para o prestígio da escrita, e cabe aqui destacá-las a fim de ressaltar os diversos motivos pelos quais determinados sistemas de signos são mais considerados que outros. O primeiro deles é que a imagem gráfica é mais sólida e permanente, mais fácil de ser apreendida do que o som; em segundo lugar temos que, na maioria dos indivíduos, as impressões visuais são mais nítidas e duradouras que as impressões acústicas;

[56] Aqui destacamos o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue: LIBRAS*, de Capovilla e Raphael (2001).
[57] Apesar da tradição na realização das língua de sinais, mais informações sobre e as formas de registro escrito das mesmas pode ser encontrado em Stumpf (2002), Sutton (2000) e Capovilla e Raphael (2001).

posteriormente, argumenta-se que a língua literária aumenta mais ainda a importância da escrita, pois ela aparece regulamentada por um código, que é ele mesmo uma regra escrita, submetida à ortografia; finalmente, quando há desacordo entre a língua e a ortografia, a escrita geralmente prevalece: "a escrita se arroga, nesse ponto, uma importância a que não tem direito" (CLG, 2006, p. 35).

Sobre a questão da leitura, já que estamos falando de escrita, o CLG discorre brevemente sobre as maneiras como lemos - lemos de dois modos: 1) a palavra nova ou desconhecida é soletrada letra por letra; 2) a palavra usual ou conhecida é abarcada numa vista de olhos, independente das letras que a compõem; a imagem dessa palavra adquire para nós um valor ideográfico (CLG, 2006, p. 44). Isso é muito interessante para se pensar a leitura pelos sujeitos surdos[58].

Retomando a distinção entre a língua e a fala, na qual se interpenetrou a questão da escrita, vemos que a fonação não afeta o sistema em si (CLG, 2006, p. 26). A sinalização, por sua vez, também não o afetará porque a realidade da língua independe da maneira porque é executada (*maneira* aqui inclui modalidade). O problema é constante:

> sem dúvida, não vemos muito bem de que serviriam os movimentos fonatórios se a língua não existisse; eles não a constituem, porém, e explicados todos os movimentos do aparelho vocal, necessários para produzir cada impressão acústica, em nada se esclareceu o problema da língua. (CLG, 2006, p. 43).

Da mesma forma, os movimentos gestuais seriam em vão se a língua não existisse.

Sabemos que, apesar de haver interdependência língua/fala, ambas são coisas absolutamente distintas (CLG, 2006, p. 27) e é essa distinção que precisamos e vimos buscando nessa seção, no que concerne às línguas de sinais, apesar de serem caminhos que devem ser seguidos separadamente (mas não excludentemente). O CLG traz essa bifurcação visando estabelecer uma teoria da linguagem (CLG, 2006, p. 28). A definição de *fala*, constante no CLG afirma que ela é "um ato individual de vontade e inteligência", ao contrário da língua, que jamais supõe premeditação (CLG, 2006, p. 22). Nesse ato distinguem-se as "combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal, e o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas

[58] Em uma experiência de ensino de língua portuguesa numa escola para surdos em Porto Alegre/RS no ano de 2010, pude constatar esse "valor ideográfico", subjacente ao processo de leitura, mesmo de palavras da língua portuguesa desconhecidas ou novas para os alunos. Mesmo na escrita fonética o apelo por essa leitura "numa vista de olhos" é bem recorrente.

combinações" (CLG, 2006, p. 22). A fala é a realização da língua, a execução. Nesse sentido, temos que, na concepção saussuriana, essa realização pode ser de qualquer ordem, não se restringindo à execução vocal. Nos termos saussurianos, a Linguística propriamente dita tem por objeto a língua (CLG, 2006, p. 28), não a fala, que é relegada a outro tipo de estudo, como veremos no próximo capítulo.

Isso nos leva a questionar quais os limites que separam os dois domínios. Sabemos que a coletividade é um deles; mas o que mais? Encontramos a resposta a essa pergunta, no capítulo do CLG dedicado aos elementos internos e externos da língua. Nele há a definição do que constitui os elementos externos à linguística: as relações entre a história de uma língua e de uma raça/civilização; as relações entre língua e história política; relações da língua com instituições de toda espécie; enfim, tudo quanto se relaciona com a extensão geográfica das línguas e o fracionamento dialetal releva da linguística externa (CLG, 2006, p. 30). Percebemos que o que se tem focado no estudo das LSs (salvo algumas exceções, como os trabalhos dos autores anteriormente destacados[59]), situa-se no âmbito da linguística externa. Assim, cremos que a Linguística das LSs carece de mais estudos internos; proliferam-se os estudos externos, ou seja, estudos que levam em conta as relações entre a língua de sinais e a história dos surdos, sua educação, a cultura[60], enquanto que há uma lacuna na Linguística interna das LSs, uma Linguística que leva em conta primordialmente as unidades da língua, intrínsecas a seu próprio sistema. Isso é o que buscamos preencher, ou, pelo menos, divisar. É importante frisar que não estamos opondo as duas Linguísticas, mas que propomos uma complementaridade: buscamos estabelecer um diálogo no intuito de enriquecer o campo de estudos relativo à língua de sinais.

Também o fenômeno geográfico está intimamente associado à existência de qualquer língua; entretanto ele não afeta o organismo interno do idioma. Assim, na discussão sobre o que é interno e externo à Linguística, vemos que a Linguística Externa "pode acumular pormenor sobre pormenor sem se sentir apertada no torniquete de um sistema" (CLG, 2006, p. 31) - o sistema é um torniquete: ele encaixa, aperta, ajusta e conforma os elementos sob sua alçada. Já a Linguística Interna não admite uma disposição qualquer; a língua é um sistema

[59] Quadros e Karnopp (2004), Ferreira-Brito (1995), entre outros.

[60] Dentre os diversos trabalhos que aqui designamos como externos, há, por exemplo, o projeto de pesquisa da Profª Drª Lodenir Karnopp, iniciado em 2010, que analisa as produções culturais em comunidades surdas, bem como analisa a produção, a circulação e o consumo da Cultura Surda; também, Thoma e Sperb (2010) que estudam as questões de bilinguismo e inclusão, dentre outros. Estes trabalhos inserem-se na temática denominada de "estudos surdos". No entanto, não podemos negar que, por abarcarem as línguas de sinais em seus trabalhos, as autoras acima citadas fazem, por vezes, dialogar as duas Linguísticas – a interna e a externa.

que conhece somente sua ordem própria (CLG, 2006, p. 31), ou seja, é interno tudo quanto provoca mudança do sistema em qualquer grau (CLG, 2006, p. 32). Se compararmos essas definições com os princípios elencados nas três conferências ministradas por Saussure, citados anteriormente, vemos que a Linguística Externa diz respeito às transformações da língua no tempo, às divergências no espaço. A Linguística Interna, na ordem própria do sistema, relaciona-se com os princípios da continuidade da língua no tempo e da unidade da língua no espaço. Ao tratarmos sobre o mecanismo da língua exploraremos com mais afinco a questão das mudanças no sistema.

Assim, o termo *língua* (no singular) diz respeito ao organismo psíquico (concreto, homogêneo e que tem sua realidade no cérebro, etc.); o termo as *línguas* (termo no plural) refere-se aos idiomas, ou seja, às diferentes configurações do organismo língua; a *fala* pode ser entendida enquanto realização (será visoespacial ou oral-auditiva). Por isso eu posso dizer que eu *falo* Libras.

2.1.1.2 A natureza do signo linguístico

O capítulo do CLG intitulado "Natureza do signo linguístico", tem como título original "Língua como sistema de signos" (conforme as notas de Tullio de Mauro [1972]), e nele Saussure se posiciona contra a noção de língua como uma nomenclatura – como uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas -: "essa concepção [...] faz supor que o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples, o que está longe da verdade" (CLG, 2006, p. 79). Nesse mesmo capítulo ele faz um esboço da noção de unidade linguística, ao afirmar que "é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos [...] ambos, implicados no signo linguístico, são psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação" (CLG, 2006, p. 79-80).

Daí Saussure parte para a definição de *signo linguístico*, afirmando que o signo "une [...] um conceito e uma imagem acústica", sendo esta a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá testemunho os nossos sentidos (CLG, 2006, p. 80). Nas línguas

de sinais, a imagem "acústica"[61] (visoespacial) também não é o sinal material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica dessa imagem. A questão sobre como entender esse caráter psíquico da imagem acústica é formulada em seguida, ao que o CLG indica a observação da própria linguagem: "sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema" (CLG, 2006, p. 80). Da mesma forma ocorre com as imagens acústicas nas LSs quando de sua realização sem o movimento das mãos, do tronco ou da face. Em suma, o signo linguístico é uma *entidade psíquica* de duas faces (CLG, 2006, p. 80 – grifos nossos), é a combinação do conceito com a imagem acústica.

Saussure diferencia essas noções, valendo-se de outros termos: ***signo*** designa o total, a união do conceito, doravante denominado de ***significado***, e da imagem acústica, o ***significante*** (CLG, 2006, p. 81). Para Saussure o signo linguístico exibe duas características primordiais. A primeira delas é o princípio da arbitrariedade do signo, e o segundo princípio é o caráter linear do significante. Vamos nos deter nesses dois princípios, pois regem o sistema da língua, e, por isso, para o estudo das línguas de sinais faz-se necessária a apreensão desses dois princípios fundamentais também.

O primeiro princípio pressupõe que "o laço que une o significante ao significado é [radicalmente][62] arbitrário", logo, "o signo linguístico é arbitrário" (CLG, 2006, p. 82). Dessas duas afirmações depreendemos que a união dos dois elementos é que é arbitrária, ou seja, não há uma causa ou uma necessidade para tal união: o signo linguístico é imotivado. Logo, intrínseca ao próprio signo, no interior do sistema, é que a arbitrariedade opera. Nas línguas de sinais, por exemplo, a ideia, o conceito de "casa" não está ligado por relação alguma interior à sequência de movimentos do sinal "casa" que lhe serve de significante. A ideia poderia ser representada por outro sinal. A prova disso é a existência de línguas diferentes (CLG, 2006, p. 82). O princípio da arbitrariedade domina toda a linguística da língua, e suas consequências são inúmeras[63] (CLG, 2006, p. 82).

O CLG traz que a palavra *símbolo* não é adequada para designar nem o signo linguístico, nem o que ele chama de significante, porque "o símbolo tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo

[61] Defendemos aqui o uso da noção de *imagem acústica* mesmo para as línguas de sinais, uma vez que essa não tem uma realidade material necessariamente oral ou auditiva: ela é psíquica, pouco importando, portanto, a natureza material de que é revestida.

[62] Esse apontamento vem de Tullio de Mauro (1972), em sua edição crítica do CLG.

[63] Essa questão anuncia uma tensão que é um desafio para nós resolvermos: a relação entre arbitrariedade e motivação (parcial) na natureza do signo nas LS. Falaremos sobre isso mais detalhadamente no capítulo 3.

natural entre o significante e o significado" (CLG, 2006, p. 82). O exemplo está no símbolo da justiça, a balança, que não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um carro, por exemplo. A palavra *arbitrário*, por sua vez, não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala; com arbitrário diz-se que o significante é imotivado, i.e., arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (CLG, 2006, p. 83).

Há, segundo o CLG, pelo menos duas objeções que poderiam ser feitas a este princípio do arbitrário. A primeira está nas onomatopeias. Elas, contudo, jamais são elementos orgânicos de um sistema linguístico: são sempre em menor número, e em algumas palavras, a sonoridade sugestiva, muitas vezes é "resultado fortuito da evolução fonética". O CLG traz como exemplo, a palavra francesa "fouet" (que significa "chicote") e a palavra "glas" (que significa "dobre de sinos"). Ambas possuem uma sonoridade sugestiva, contudo, nem sempre foi assim: fouet é derivado do latim *fãgus*, faia; e glas deriva do latim *classicum*, vocábulos em que não se percebe essa correspondência de sonoridade. Um exemplo de onomatopeia visual na língua de sinais seria o sinal "mulher" em Libras ou na ASL[64]. Uma vez introduzida na língua, elas se engrenam mais ou menos na evolução fonética, morfológica, etc, que sofrem as outras palavras: "[...] prova evidente de que perderam algo de seu caráter primeiro para adquirir o do signo linguístico em geral, que é imotivado" (CLG, 2006, p. 83). É o que acontece com quase todos os sinais da Libras, que aparentemente ou inicialmente tenham tido, ou sido criados, com motivação, por alguma necessidade também.

A segunda objeção estaria nas exclamações: "é se tentado a ver nelas expressões espontâneas da realidade, como que ditadas pela natureza [...] mas, pode-se negar haja um vínculo necessário entre significado e significante" (CLG, 2006, p. 82). Como exemplos podemos citar exclamações tais como: "nossa!", "caramba!", e "bah!". As duas objeções, portanto, "são de importância secundária, e sua origem simbólica é em parte contestável" (CLG, 2006, p. 84).

---

[64] Stokoe refere-se à motivação do sinal "mulher", no comentário que segue: "Quando a língua de sinais 'naturais' não tinham um sinal, ele inventava um, assim como fez para os artigos. O artigo definido le foi assinalado por um dedo indicador curvado na testa, la, no rosto. Para alguns desses sinais metódicos de L'Epée e de seus sucessores a etimologia pode ser aceita como com quaisquer outras trocas explícitas. A posição encurvada do dedo indicador, diz ele, era como um lembrete para o aluno que o artigo definido escolheu um de muitos exemplos possíveis do substantivo, a testa aludia ao costume masculino de tocar a aba do chapéu; *o rosto é o sinal feminino, pois o penteado de senhoras do período muitas vezes terminava na bochecha*" (STOKOE, 2005, p. 6 – grifo nosso).

O segundo princípio - o caráter linear do significante – segue a premissa de que "o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão – uma linha" (CLG, 2006, p. 84). Chama a atenção o fato de Saussure intitular esse princípio somente em relação ao significante. Sendo uma característica do significante, e sendo o signo, a união daquele com o significado, não seria esse princípio também aplicado ao signo como um todo? Seja como for, encontramos em relação a este princípio, que

> por oposição aos significantes visuais (sinais marítimos, etc.), que podem oferecer complicações simultâneas em várias dimensões, os significantes acústicos dispõe apenas da linha do tempo [da fala]; seus elementos se apresentam um após o outro; formam uma cadeia (CLG, 2006, p. 84).

A formação dessa cadeia também se verifica nas línguas de sinais: os significantes visoespaciais das línguas de sinais também se dispõem apenas na linha do tempo, assim como seus elementos também se apresentam um após o outro. Apesar de serem significantes igualmente visuais (como os sinais marítimos), e apesar da espacialidade e movimentação na execução (fala) dos sinais, e da simultaneidade dos traços que os constituem, os elementos nas línguas de sinais formam uma cadeia. O sinal de "triste", por exemplo, acompanhado de expressão facial correspondente a tal "estado de espírito" talvez pudesse ensejar o questionamento a esse princípio (vide Figura 2 abaixo).

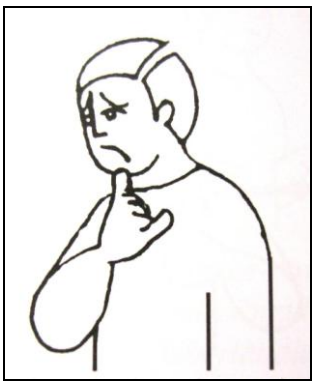

Figura nº 2. Representação do sinal equivalente à "triste" na Libras. Fonte: (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001, p. 1274)

Contudo, valemo-nos do próprio CLG, na continuidade da explanação do segundo princípio, quando teoriza a respeito da acentuação silábica, para dirimir essa dúvida:

> Se acentuo uma sílaba, parece que acumulo num só ponto elementos significativos diferentes. Mas trata-se de uma ilusão: a sílaba e seu acento constituem apenas um ato fonatório; não existe dualidade no interior desse ato, mas somente oposições diferentes com o que se acha ao seu lado (CLG, 2006, p. 84).

Assim, o sinal "triste" e a expressão facial que o acompanha constituem apenas um ato articulatório. Haverá oposição desse sinal e dessa expressão facial, com os próximos e com os antecedentes elementos sinalizados. Cabe aqui trazer a crítica de Jakobson a Saussure, no que diz respeito à linearidade. Jakobson considera "espantoso" que o princípio da linearidade "se tenha enraizado na própria escola de Genebra que conseguiu por em destaque o caráter não linear da outra face dos signos linguísticos, a não-linearidade ou "distaxia" do significado" (JAKOBSON, 1977, p. 78). Para sustentar sua argumentação, Jakobson cita Bally, que defende a existência de "uma *acumulação dos significados* quando um significado único e indecomponível contém vários valores nitidamente analisáveis em virtude de uma série de oposições" (JAKOBSON, 1977, p. 79 – grifos do autor). Jakobson formula sua crítica a Saussure claramente no trecho que segue:

> O *Curso* de Saussure [...] ensina que o caráter linear da língua exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo e, fiel aos preceitos de seu mestre, Bally acaba por constatar que é impossível pronunciar dois sons ao mesmo tempo! Este raciocínio é um círculo vicioso, uma vez que por som da linguagem se compreende justamente *todo* o conjunto dos movimentos articulatórios que se produzem, ou antes, que se creem produzir, simultaneamente. Por outras palavras, define-se o som pela impossibilidade de pronunciar duas unidades deste gênero ao mesmo tempo (JAKOBSON, 1977, p. 79 – grifos do autor).

O fato de se poder produzir sentido na simultaneidade (de traços distintivos, por exemplo), nos ajuda consideravelmente na discussão dessa coocorrência dos traços que constituem um signo na Libras (e em línguas orais, no caso dos traços que compõem os fonemas). Jakobson conclui que apesar de não se poder emitir dois fonemas ao mesmo tempo, "pode-se perfeitamente emitir várias qualidades distintivas ao mesmo tempo. Não só se pode, como é isso que se faz normalmente, uma vez que *os fonemas são unidades complexas*" (JAKOBSON, 1977, p. 79 – grifos do autor). Assim, entendemos que os quiremas das línguas de sinais são unidades complexas também[65].

[65] Conforme apontam Quadros e Karnopp (2004), "o desenvolvimento de modelos fonológicos a partir do trabalho de Stokoe apresenta, por um lado, a introdução da ordem linear, [...] e por outro, um aperfeiçoamento dos parâmetros e das relações estruturais entre tais unidades [...]" (p. 49). As autoras

2.1.1.3 O mecanismo da língua

Ao lançar mão da metáfora da "carta forçada", Saussure introduz a questão das mudanças possíveis de se realizarem no sistema: "com relação à comunidade linguística que o emprega, o significante não é livre: é imposto" (CLG, 2006, p. 85). Porque "a língua não pode equiparar-se a um contrato puro e simples" (CLG, 2006, p. 85), ela engendra elementos relativamente ao seu funcionamento e organização.

"A língua é um produto herdado de gerações anteriores" (CLG, 2006, p. 86). Logo, eis por que a questão da origem da linguagem não tem a importância que geralmente se lhe atribui. Tampouco se trata de uma questão a ser proposta; o único objeto real da Linguística é a vida normal e regular de um idioma já constituído (CLG, 2006, p. 86), recebido e herdado de gerações anteriores. O mesmo vale para as línguas de sinais: são um produto herdado de gerações anteriores, e, nesse sentido, são imutáveis. Contudo, como o próprio Saussure problematiza, heranças também podem ser mudadas. Assim, origina-se um equilíbrio entre a tradição imposta e a ação livre da sociedade, em cada instituição, e entre elas, a língua.

No que concerne à língua, especificamente, alguns pontos são mais expressivos em não permitir, ou não favorecer alguma mudança na língua. São eles:

1) O caráter arbitrário do signo: que "põe a língua ao abrigo de toda tentativa que vise a modificá-la" (CLG, 2006, p. 87);
2) A multidão de signos (lembrando que fonema é signo também, e que, portanto, quirema – nas línguas de sinais - também o é; ou seja, a noção de signo não se limita à palavra, o que encerra nossa tentativa de mensurar a quantidade de signos constituintes de uma língua);
3) O caráter demasiado complexo do sistema: "e só se pode compreendê-lo pela reflexão" (CLG, 2006, p. 87);
4) A resistência da inércia à toda renovação linguística:

> a língua [...] é, a cada momento, tarefa de toda a gente. [...] da língua, [...] cada qual participa a todo instante e é por isso que ela sofre sem cessar a influência de todos.

---

apresentam, então, esses parâmetros, baseadas em Ferreira-Brito (1990): configuração de mão, movimento, locação, orientação da mão e expressões não manuais.

> [...] A língua, de todas as instituições sociais, é a que oferece menos oportunidades às iniciativas. [...] a todo o instante, a solidariedade com o passado põe em xeque a liberdade de escolher (CLG, 2006, p. 88).

Justamente porque o signo linguístico é arbitrário, não conhece outra lei senão a da tradição, e é por basear-se na tradição que pode ser arbitrário (CLG, 2006, p. 88). Vemos, portanto, no sistema da língua a possibilidade de mudança e sua impossibilidade, simultaneamente. Em nota, os organizadores do CLG ressaltam que "a língua se transforma sem que os indivíduos possam transformá-la [...] ela é intangível, mas não inalterável" (CLG, 2006, p. 89 – nota dos organizadores). E as razões para essas alterações estão em o signo continuar-se (CLG, 2006, p. 89). Essas noções justificam-se tendo por base os princípios linguísticos da continuidade e da mudança da língua no tempo e no espaço: "a língua se diferencia no tempo e, ao mesmo tempo, ela se diferencia ou se diversifica no espaço" (ELG, 2002, p. 132). No entanto, independentemente da manifestação dos fatores de alteração, "quer funcionem isoladamente ou combinados, levam sempre a um deslocamento da relação entre o significado e o significante" (CLG, 2006, p. 89). Ou seja, as alterações se dão no escopo do signo, são internas ao sistema e o afetam significativamente. O princípio da continuidade anula a liberdade: "a continuidade, porém, implica necessariamente a alteração, o deslocamento mais ou menos considerável das relações" (CLG, 2006, p. 93). Vemos aí a arbitrariedade operando mais uma vez, resultando, consequentemente na incapacidade de uma língua em defender-se dos fatores que deslocam a relação entre o significado e o significante (CLG, 2006, p. 90).

Como vimos, "os signos de que a língua se compõe não são abstrações, mas objetos reais" (CLG, 2006, p. 119). São, portanto, entidades. Um dos princípios que dominam as diretrizes de tangenciamento dos signos em entidades é o seguinte:

> A entidade linguística só existe pela associação do significante e do significado. A todo o momento corre-se o perigo de não discernir senão uma parte da entidade, crendo-se abarcá-la em sua totalidade (...) uma sequencia de sons só é linguística quando é suporte de uma ideia; tomada em si mesma, não é mais que a matéria de um estudo fisiológico (CLG, 2006, p. 119).

Talvez aí esteja uma das razões porque os educadores de crianças surdas nos séculos passados, como vimos no primeiro capítulo, preocupavam-se com a fisiologia dos órgãos fonadores e auditivos. Os estudos atrelados às primeiras percepções sobre os surdos são definitivamente fisiológicos, e como diz o CLG "uma sequência de sons só é linguística

quando é suporte de uma ideia". Assim atrelar as noções de significado e significante é fundamental para se configurar o objeto linguístico. A educação de surdos, e seu letramento, passaram do âmbito puramente fisiológico, para o essencialmente linguístico. Um passo além foi dado quando da consideração da totalidade da entidade nas línguas de sinais: ela pode passar a ser compreendida linguisticamente. Daí vimos forjar-se o estatuto linguístico das línguas de sinais. Além disso, esse primeiro princípio vale no interior da própria língua de sinais: os movimentos (da sinalização) tem que ser suporte de uma ideia; tomados em si mesmos, não são mais que matéria física.

O segundo princípio esclarece que "a entidade linguística não está completamente determinada enquanto não esteja delimitada, separada de tudo o que a rodeia na cadeia fônica", e que "são essas entidades delimitadas ou unidades que se opõem no mecanismo da língua" (CLG, 2006, p.120). Além disso, Saussure diz que:

> A língua não se apresenta como um conjunto de signos delimitados de antemão, dos quais bastasse estudar as significações e a disposição; [...] a unidade não tem nenhum caráter fônico [visoespacial] especial e a única definição que dela se pode dar é a seguinte: uma porção de sonoridade [gestualidade] que, com exclusão do que precede e do que segue na cadeia falada [sinalizada], é significante de um certo conceito (CLG, 2006, p. 120 – em colchetes, acréscimos nossos).

Assim, depreendemos que a noção de oposição funciona como uma engrenagem no mecanismo da língua. Contudo, a delimitação das unidades não é tarefa simples. De acordo com Saussure "é dificílimo desenredar, numa cadeia fônica, o jogo das unidades nela contidas e dizer sobre quais elementos concretos a língua opera" (CLG, 2006, p. 123). Percebemos que a mesma dificuldade reside na delimitação das unidades da cadeia sinalizada. Ou seja, a dificuldade na delimitação das unidades e a conclusão sobre quais elementos concretos a língua opera, é comum tanto às línguas orais quanto às de sinais. Interessante notar como a questão epistemológica, no sentido de crítica de uma ciência permeia constantemente a reflexão saussuriana. Quanto à questão da delimitação de unidades, ele declara que "na maioria dos domínios que são objeto da ciência, a questão das unidades sequer se esboça: são dadas de começo" (CLG, 2006, p. 123).

Vimos, por fim, algumas noções que embasam o funcionamento da língua. Para concluir esta seção, recorremos a uma importante citação de Saussure e que ensejará nossa discussão do próximo capítulo:

> A língua tem o caráter de um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas. Não podemos dispensar-nos de conhecê-las, nem dar um passo sem recorrer a elas; e, no entanto, sua delimitação é um problema tão delicado que nos perguntamos se elas, as unidades, existem de fato. A língua apresenta, pois, este caráter estranho e surpreendente de não fornecer entidades perceptíveis à primeira vista, sem que se possa duvidar, entretanto, de que existam e que *é seu jogo que a constituí* (CLG, 2006, p. 124 – grifo nosso).

No próximo capítulo iremos abordar mais detalhadamente a noção de *valor*, que é decorrente desse "jogo constitutivo de unidades", uma vez que "o mecanismo linguístico gira todo ele sobre identidades e diferenças, não sendo estas mais que a contraparte daquelas" (CLG, 2006, p. 125). Identidades e diferenças estão em jogo no mecanismo da língua, valorando o sistema.

2.2 Encaminhamentos

Neste capítulo sobre a Linguística saussuriana, exploramos os principais conceitos e noções apresentados por Saussure no *Curso de Linguística Geral*. Vimos que o signo linguístico, em sua natureza, é regido pelos princípios da arbitrariedade e da linearidade; que a relação entre seus constituintes o delimita. Tratamos, brevemente, sobre o funcionamento do mecanismo da língua, em que a oposição das unidades no sistema a transforma, a modifica e garante sua continuidade. A partir da exploração desses conceitos, cremos ter justificado a escolha da Linguística saussuriana para o estudo do estatuto linguístico da Libras. Saussure permite descrever e explicar as línguas de sinais de uma forma que ainda não foi feita.

No próximo capítulo, exploraremos com mais afinco a noção de arbitrariedade, em relação à ideia de iconicidade, bem como analisaremos a noção de valor em se tratando das línguas de sinais. Por fim, retomaremos as noções de linguagem, de língua e de fala, inicialmente abarcadas neste capítulo, sintetizadas, então, a partir do pensamento saussuriano para a rediscussão do estatuto linguístico das línguas de sinais.

3 REDISCUTINDO O ESTATUTO LINGUÍSTICO DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Neste último capítulo rediscutiremos o estatuto linguístico das línguas de sinais, tomando por base as principais noções saussurianas, quais sejam: o princípio da arbitrariedade e a noção de valor, retomando, por fim, a distinção linguagem, língua e fala.

Na seção sobre o princípio da arbitrariedade, discutiremos as noções de *arbitrariedade* e de *iconicidade*, com vistas a sua reflexão aos estudos linguísticos das línguas de sinais. Formularemos hipóteses acerca de como essas noções podem ser utilizadas para a reiteração do estatuto linguístico da língua de sinais. Para tanto, retomamos aqui o pensamento de Saussure constante no CLG e de alguns de seus leitores para refletir sobre a noção de *arbitrariedade*, bem como lançamos mão das considerações de linguistas dedicados a esquadrinhar a noção de *iconicidade* na Língua de Sinais Americana, principalmente - Klima e Bellugi (1979) e Taub (2001). Assim, cremos que ao rediscutir essas noções, à luz da consideração das línguas de sinais, novas possibilidades para se pensar a linguagem como um todo poderão ser traçadas.

Na seção sobre o valor estudaremos o *valor linguístico* em seu aspecto conceitual e em seu aspecto material, valendo-nos, também, das considerações de Normand (2009) acerca da constituição de um sistema de valores, fruto de sua leitura de Saussure. Ao atrelar, inicialmente a noção de valor a de arbitrariedade buscamos evidenciar o quão implicadas são essas noções e de como a interdependência conceitual é importante no estudo do sistema da língua.

Finalmente, na seção sobre a distinção entre linguagem, língua e fala, retomaremos algumas das discussões apresentadas no início do capítulo 2, a fim de sintetizar nosso ponto de vista sobre o estatuto linguístico das línguas de sinais, a partir da diferenciação entre essas três noções.

3.1 Contribuições saussurianas para as línguas de sinais

Como vimos no capítulo 2, muitas são as possibilidades de se pensar as línguas de sinais a partir da reflexão saussuriana. Dentre elas, destacamos a apreensão dos signos das línguas de sinais e a possibilidade de sua fixação; o caráter linear do significante, a despeito da simultaneidade de traços que constituem os signos, por exemplo; e, enquanto organismo linguístico, ressaltamos a natureza concreta e homogênea das línguas de sinais.

3.1.1 O princípio da arbitrariedade

Nossa reflexão, no presente capítulo, parte da noção de *arbitrariedade* oriunda do pensamento saussuriano. Cremos que a arbitrariedade, como apresentada no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006), e a partir de sua releitura por outros linguistas, tais como Bouquet (2000) e Normand (2009), merece ser discutida com vistas a sua efetividade e implicações às línguas de sinais. Considerando que essa noção, tão cara à proposição da constituição de uma Ciência Linguística, é um dos pilares "de uma teoria que supõe a desubstancialização da língua [...]" (NORMAND, 2009, p. 9), é cabível sua extensão a uma modalidade de língua que desafia os pressupostos lineares da linguagem. Temos, portanto, no mestre genebrino, nosso ponto de partida.

Não raro nos estudos linguísticos das línguas de sinais, como veremos adiante, opõe-se a noção de *arbitrariedade* à de *iconicidade*, motivo pelo qual iremos delinear brevemente essa segunda noção, no intuito de firmar nosso ponto de vista em relação a essa oposição. Essas duas noções são amplamente difundidas nos estudos linguísticos em geral. Especificamente, os estudos linguísticos das línguas de sinais, costumam dar mais ênfase à *iconicidade* em detrimento da noção de *arbitrariedade* e, não raro opondo-a a esta. Considerando a natureza das línguas de sinais, perguntamo-nos se seriam tais noções realmente opostas entre si. Seriam elas dicotômicas? Em caso afirmativo, de que ordem seria essa oposição e que implicações ela acarretaria para a consideração do estatuto linguístico das línguas de sinais? Se negarmos a oposição e justapusermos ambas as noções, a pergunta sobre o estatuto linguístico se mantém, obviamente, mas com diferentes implicações. Não iremos muito além. Limitar-nos-emos aqui a rediscutir as implicações que as noções de *arbitrariedade* e *iconicidade* acarretam aos estudos linguísticos das línguas de sinais, buscando defender uma não oposição entre elas.

Para discutir a noção de *iconicidade*, remetemo-nos a alguns pressupostos de Pierce (conforme EPSTEIN, 1997), haja vista serem mobilizados, principalmente, em estudos linguísticos da língua brasileira de sinais (como em STROBEL; FERNANDES, 1998). Retomamos, também, alguns dos pressupostos de Klima & Bellugi (1979), bem como de Taub (2001), acerca da iconicidade na Língua de Sinais Americana. A reflexão desses autores tem contribuído para um olhar mais acurado sobre os estudos linguísticos das línguas de sinais, e, por serem referência nesse campo específico de estudos, nos deteremos a estudá-los em suas percepções acerca da noção de *iconicidade* (e, por conseguinte, de que forma a noção de *arbitrariedade* é mobilizada em seus estudos).

Por fim, terminaremos esta seção com uma reflexão sobre as implicações das noções previamente abarcadas sobre o estatuto linguístico das línguas de sinais. Apesar de as línguas de sinais já terem obtido o *status* de língua propriamente dito (desde a década de 60, com a publicação dos trabalhos do linguista norte-americano William C. Stokoe, como vimos no capítulo 1), o retorno à discussão de princípios basilares para a constituição de uma língua é válido porquanto reforça e reitera epistemologicamente esse estatuto. Além disso, a compreensão da arbitrariedade e da iconicidade a partir do estudo das línguas de sinais pode contribuir para diminuir as fronteiras entre estas e as línguas orais, visto que tais noções podem estar implicadas nas manifestações lingüísticas em diferentes línguas de diferentes modalidades.

3.1.1.1 Arbitrariedade: princípio de organização da língua

Saussure, ao se perguntar se é o som que faz a linguagem, traz que este não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo: o som, enquanto "unidade complexa acústico-vocal, forma por sua vez, com a ideia, uma unidade complexa fisiológica e mental" (CLG, 2006, p. 16). Assim podemos ver que o que resulta na linguagem é uma unidade complexa fisiológica não necessariamente oral-auditiva, como se poderia pensar (além de estender esse pensamento e concluir que as línguas de sinais não poderiam ser tomadas em termos saussurianos). Além disso, quando Saussure apresenta as implicações que a separação língua/fala acarreta, ele estabelece que a *língua* é o produto que o indivíduo registra passivamente, que não supõe premeditação e que a reflexão nela intervém somente para a

atividade de classificação, ao passo que a *fala* é um ato individual de vontade e inteligência, no qual pode-se distinguir as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal, bem como o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações (CLG, 2006, p. 22). Encontramos aí uma definição que nos permite pensar nas múltiplas ordens das quais pode ser a fala: oral, gestual, visual, entre outras, porquanto de caráter psicofísico.

Dessas considerações inicias sobre a teoria de Saussure, gostaríamos de sintetizar que acreditamos ser possível e salutar retomá-la, e ver de que forma seus princípios se aplicam às línguas de sinais. Com isso não estamos dizendo que Saussure tinha em mente as línguas de sinais propriamente ditas quando, por exemplo, ministrou suas aulas na Universidade de Genebra. O que queremos afirmar é que, com o que temos registrado do pensamento de Saussure (no CLG, nos Escritos de Linguística Geral, dentre outros), temos subsídios para pensar as línguas de sinais enquanto sistemas de signos, com todas as suas características, e que os princípios que regem esses sistemas são comuns a todas as línguas, incluindo as de sinais. As considerações iniciais tecidas acima, juntamente com as reflexões estabelecidas no capítulo 2, ilustram esse entendimento. Passaremos agora, especificamente, à discussão sobre a noção de *arbitrariedade* em Saussure.

No capítulo 1 da primeira parte do CLG, temos o estudo da natureza do signo linguístico. Nele apreendemos que o significante e o significado, componentes do signo, não são materiais, mas psíquicos. Nesse mesmo capítulo é introduzida a ideia de arbitrariedade enquanto primeiro princípio do signo linguístico, uma de suas duas características primordiais:

> O laço que une o significante ao significado é [radicalmente] arbitrário, ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário.* (CLG, 2006, p. 81 – grifos do autor).

Uma vez entendido que o laço é que é arbitrário, ou que, é dentro do próprio signo que a arbitrariedade se justifica, depreendemos que é arbitrário que o significante se junte ao significado, e não o signo ao objeto referente no mundo (extralinguístico). Significante e significado, portanto, não se opõem: são unidos. O significante vai se opor, sim, a outros significantes, bem como o significado vai se opor a outros significados. A esse respeito, Bouquet (2000) declara que o termo arbitrário é empregado por Saussure para se referir a duas

relações bem distintas: “ele vale de um lado, para a relação, interna ao signo, entre significante e significado; vale, de outro lado, para a relação que une entre eles os termos do sistema de uma língua dada” (BOUQUET, 2000, p. 234). Ou seja, ele depreende de Saussure dois aspectos de arbitrário, o *arbitrário interno do signo* e o *arbitrário sistêmico do signo*, em que “*arbitrário* significa estritamente, num caso como no outro, *contingente a uma língua* – sendo que essa contingência [...] é uma *necessidade*” (BOUQUET, 2000, p. 234 – grifos do autor). Seja como for, a arbitrariedade é inerente ao sistema, e fora dele não há como justificar e sustentar a noção de *arbitrário*.

A arbitrariedade pode, também, ser entendida como a ausência de causalidade ou necessidade: o laço é por que é. Não há uma causa - ou um traço referencial - para que tal união se dê, forme o signo, e a partir desse, em relação a outros, se forme o sistema de uma língua. Para Saussure, o princípio da arbitrariedade "domina toda a linguística da língua" (CLG, 2006, p. 82): o que é arbitrário do signo é arbitrário da língua. Vale destacarmos a observação que o CLG traz com relação à palavra arbitrário:

> [a palavra arbitrário] não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez que esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (CLG, 2006, p. 83 – grifos do autor).

Dessa citação destacamos não haver laço natural, nem do significante nem do significado, com a realidade. Nesse ponto o CLG apresenta duas possíveis objeções a esse princípio as quais são logo refutadas, conforme apontamos no capítulo 2. A primeira das objeções é com relação às onomatopeias, ilustrando-a com o argumento de que a escolha do significante nem sempre é arbitrária. Saussure a isso replica: "elas não são jamais elementos orgânicos de um sistema linguístico" (CLG, 2006, p. 83), e acrescenta que

> quanto às onomatopeias autênticas (aquelas do tipo glu-glu, tic-tac, etc), não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos (CLG, 2006, p. 83).

Além disso, ao entrarem na língua, as onomatopeias sujeitam-se às evoluções das mais variadas ordens que sofrem as outras palavras também, e isso comprova que elas perdem algo de seu caráter primeiro para adquirir o do signo linguístico em geral, que é imotivado (CLG, 2006, p. 83).

A segunda objeção estaria nas exclamações, ou interjeições: poder-se-ia ver nelas expressões espontâneas da realidade, como ditadas pela natureza, ao que os mesmos argumentos acima mencionados são válidos, bem como o fato de variarem de língua para língua. A origem simbólica, portanto, das onomatopeias e exclamações pode ser apenas em parte contestada (CLG, 2006, p. 84), e não pode contrapor-se a esse princípio de organização tão caro ao sistema da língua: a arbitrariedade.

3. 1. 1. 2 Iconicidade: característica mimética da língua

Uma vez discutido o princípio da arbitrariedade da língua, passamos agora a analisar a iconicidade. A iconicidade não pode ser colocada no mesmo patamar fundante que a arbitrariedade, visto não ser, como esta, um princípio organizacional da língua, mas uma de suas características formais. Para iniciar a análise dessa característica da língua, apresento a seguir algumas interpretações da noção de *iconicidade*, oriundas, principalmente, de estudos linguísticos da Língua de Sinais Brasileira (Libras) e da Americana (ASL).

A divisão entre sinais arbitrários e sinais icônicos na língua brasileira de sinais há tempos vem sendo apresentada e defendida por alguns teóricos dos estudos gramaticais dessa língua. O excerto a seguir declara e qualifica a arbitrariedade e a iconicidade dos sinais, exemplificando, com ilustrações dos sinais, essas propriedades:

> A modalidade gestual-visual-espacial pela qual a LIBRAS é produzida e percebida pelos surdos leva, muitas vezes, as pessoas a pensarem que todos os sinais são o "desenho" no ar do referente que representam. É claro que, por decorrência de sua natureza linguística, a realização de um sinal pode ser motivada pelas características do dado da realidade a que se refere, mas isso não é uma regra. A grande maioria dos sinais da LIBRAS são arbitrários, não mantendo relação de semelhança alguma com seu referente. (STROBEL; FERNANDES, 1998, p. 5).

Vemos que as autoras consideram a arbitrariedade não em relação ao sistema da língua, ou intrínseca a seus signos, mas em relação (ou não) a um referente que seria representado na língua. Como vimos, a modalidade de realização de uma língua, ou "a sua natureza linguística" (gestual-visual-espacial, oral-auditiva, etc.), não interfere na constituição de seu sistema e das relações que são estabelecidas dentro dele. Em seguida, elas dividem os sinais icônicos dos sinais arbitrários:

> 2.1 SINAIS ICÔNICOS - Uma foto é icônica porque reproduz a imagem do referente, isto é, a pessoa ou coisa fotografada. Assim também são alguns sinais da LIBRAS, gestos que fazem alusão à imagem do seu significado. [...] Isso não significa que os sinais icônicos são iguais em todas as línguas. Cada sociedade capta facetas diferentes do mesmo referente, representadas através de seus próprios sinais, convencionalmente [...].
> 2.2 SINAIS ARBITRÁRIOS - São aqueles que não mantêm nenhuma semelhança com o dado da realidade que representam. Uma das propriedades básicas de uma língua é a arbitrariedade existente entre significante e referente. Durante muito tempo afirmou-se que as línguas de sinais não eram línguas por serem icônicas, não representando, portanto, conceitos abstratos. Isto não é verdade, pois em língua de sinais tais conceitos também podem ser representados, em toda sua complexidade. (STROBEL; FERNANDES, 1998, p. 7).

O fato de a realização de alguns sinais poder ser motivada pelas características do dado da realidade a que se refere não implica em opor o caráter arbitrário ao caráter icônico desses sinais, muito menos em categorizá-los dessa forma. A ideia de "realidade" aí também é questionável, uma vez que abre portas a uma exterioridade que não precisa, necessariamente, ser convocada para se refletir sobre o sistema da língua.

No excerto anterior, vemos que o quê, em relação aos sinais, não mantém relação de semelhança alguma com seu, novamente, "referente", é o que se chama de arbitrário. Tal definição nos leva a uma série de questionamentos: se o caráter arbitrário e o caráter icônico são estabelecidos a partir de um referente, não seria a Libras uma nomenclatura? O que explica as diferenças de iconicidade em línguas de sinais distintas (Libras e Língua de Sinais Chinesa, por exemplo)? Ou, melhor dizendo, o que há no sistema da língua de sinais, que faz com que até mesmo essa iconicidade que seria tão evidente, numa relação sinal-referente, realize-se de maneiras diferentes nas diversas línguas?

Discutir e teorizar sobre a iconicidade nos remete às ideias inicialmente levantadas por Pierce[66]. Ele estabelece que, na dependência da relação do signo para com seu objeto, o signo pode ser denominado de *ícone*, *índice* ou *símbolo*. Daí decorre o caráter icônico que é atribuído a alguns signos: ícone, segundo Pierce, é aquele signo que, na relação signo-objeto,

[66] Sabemos dos distintos quadros teóricos em que se situam Pierce (filósofo) e Saussure (linguista) e das diferentes concepções de signo de cada um, fatos que não nos deteremos neste estudo. Se formos pensar em aproximações talvez a noção de símbolo de Pierce possa ser relacionada a de signo de Saussure. No entanto, devido aos elementos icônicos serem constitutivos das línguas de sinais, questões apontadas na literatura do campo, estamos filiando-nos àquelas abordagens que não consideram arbitrariedade e iconicidade como noções opostas. Isso porque defendemos que tanto arbitrariedade quanto iconicidade são constitutivas do sistema das línguas de sinais e que, portanto, vinculam-se ao estatuto linguístico dessas línguas, tanto em termos de sistema quanto em termos de manifestação.

indica uma qualidade ou propriedade de um objeto por possuir certos traços (pelo menos um) em comum com o referido objeto (EPSTEIN, 1997). Os ícones comunicam de forma imediata porque são imediatamente percebidos: quadros, desenhos, estruturas, modelos, esquemas, predicados, metáforas e comparações, figuras lógicas e poéticas, etc, são alguns exemplos trazidos por Epstein (1997, p. 49) ao apresentar a teoria de Pierce. Da definição pierceana de ícone entendemos porque alguns sinais da Libras, por exemplo, são caracterizados enquanto tais: por possuírem algum traço em comum com o referido objeto. Que traço em comum seria esse é o que abre para mais questões: se considerarmos apenas o sinal equivalente a "triste" em Libras, isolado no sistema, diríamos, nesses termos, que ele é arbitrário, e não icônico; mas, se considerarmos a expressão facial que é feita quando "triste" é sinalizado na Libras, teremos então um traço que poderia ser levado em conta para confirmar a iconicidade do sinal "triste" na Libras. Isso nos conduz a pensar em diferentes graus, ou níveis de iconicidade, gradação impossível de ser aplicada à noção de *arbitrariedade*.

A esse respeito, encontramos caminho nas reflexões de Klima e Bellugi (1979) que, em sua obra sobre os sinais da linguagem, examinam as relações e variações que podem ocorrer nos sistemas das línguas de sinais. Os autores afirmam que "na comunicação entre si, os surdos usuários da ASL lançam mão de uma vasta gama de componentes gestuais, de sinais convencionais a uma elaboração mimética desses sinais, à pantomima livre" [67] (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 13). Ou seja, eles apresentam um amplo entendimento sobre a Língua de Sinais Americana (ASL), englobando vários aspectos que se manifestam em suas diferentes configurações. Dentre eles, o entendimento de que além dos processos regulares de configuração de sentenças na ASL, os sinais podem ser estendidos em maneiras distintas, não de todo sistematizadas. Alguns sinais apresentam uma elaboração mimética para significar uma descrição mais precisa de algum evento ou qualidade:

> […] Os sinais da ASL podem ser manipulados de diversas maneiras para tornarem-se mimeticamente móveis. Tal elaboração mimética de sinais no interior do vocabulário padrão da ASL, reconhecidamente diferente das modulações regulares dos sinais, é incomum na conversação ou sinalização nativas" [68] (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 15).

[67] No original: *in communicating amoung themselves, deaf ASL signers use a wide range of gestural devices, from conventionalized signs to mimetic elaboration on those signs, to mimetic depiction, to free pantomime*.

[68] No original: *[...] ASL signs can be manipulated in ways that make them mimetically mobile. Such mimetic elaboration of signs within the core of vocabulary of ASL, recognizably different from regular modulations on signs, is to at all uncommon in conversational or native signing.*

Ao estabelecer as diferenças entre a representação mimética espontânea da pantomima e os sinais regulares da ASL, os autores concluíram que muitos dos sinais regulares exibem traços de propriedades miméticas, apesar de estas serem características da pantomima. Eles percebem que há, na língua de sinais, níveis de iconicidade, e atrelam essa noção a um referente: "é claro, *há* uma relação icônica – em que elementos da forma do sinal estão relacionados a aspectos visuais daquilo que denotam – que não determina de forma alguma os atuais detalhes da forma" [69] (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 21 – grifos dos autores).

Dois estudos foram desenvolvidos pelos autores para analisar a gradação da iconicidade nos sinais da ASL. O primeiro deles, questionava o quão transparentes, ou, auto evidentes são os sinais; o segundo buscava saber o quão óbvia é a base para a relação entre um sinal e seu significado. Por não ser nosso objetivo aqui, não iremos apresentar os métodos e procedimentos desenvolvidos em tais análises (para mais detalhes consultar KLIMA; BELLUGI, 1979). Interessa-nos mostrar os resultados encontrados pelos pesquisadores: aplicados a sujeitos ouvintes, o primeiro teste - no qual noventa sinais eram mostrados em vídeo para um grupo de dez ouvintes, que não possuíam prévio conhecimento da língua de sinais, e deveriam assinalar uma dentre cinco alternativas de significado para o sinal - mostrou que

> […] mesmo quando requerido que os sujeitos apenas *selecionassem* o significado correto do sinal, eles raramente foram capazes de fazê-lo. De acordo com esse critério de iconicidade, a maioria dos sinais da ASL listados não eram transparentes, mas opacos" [70] (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 23 – grifo dos autores).

Essa constatação, apesar dos esforços em delinear as implicações da iconicidade na língua de sinais, reforça o caráter arbitrário do sistema linguístico, pois evidencia a não motivação entre significado e significante. O segundo teste solicitava para que outros dez ouvintes, que não utilizavam a língua de sinais, descrevessem o que eles consideravam ser a base para a relação entre a forma de noventa sinais da ASL e sua equivalente tradução em Inglês. Os resultados desse estudo apontaram que muitos sinais da ASL de fato contém um aspecto representacional. A esses sinais os pesquisadores chamaram "translúcidos". Os estudos de Klima e Bellugi sugerem, também, que:

---

[69] No original: *of course, that there is an iconic relation – that elements of the form of a sign are related to visual aspects of what is denoted – does not in any way determine the actual details of the form.*

[70] No original: *[...] even when subjects were required only to select the correct meaning of a sign, they were rarely able to do so. According to this criterion of iconicity, most of the ASL signs in the list were not transparent but opaque.*

> Em adição às qualidades representacionais icônicas, os sinais exibem outro nível de organização, um nível componencial. Os sinais da ASL parecem ser processados, codificados e produzidos pelos surdos nativos, não em termos de suas qualidades de representação gerais, mas antes, como constituídas por uma série de elementos de um sistema combinatório [71] (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 28).

Assim, não só a iconicidade se faz presente de alguma maneira na língua de sinais, mas algo a fixa em um sistema combinatório. Temos indícios, para pensar, nesse caso, que a arbitrariedade está aí implicada. Outra pesquisadora que se detém sobre a ASL é Sarah Taub (2001). Em seu trabalho sobre iconicidade e metáfora na língua de sinais, ela defende que "[…] há diferentes possibilidades de representações icônicas de uma única imagem visual ou auditiva; por exemplo, alguém pode representar diferentes partes dessa imagem, usar diferentes escalas ou perspectivas, ou preservar diversos níveis de detalhamento" [72] (TAUB, 2001, p. 8). Para ela, assim como não é a imagem visual que determina, de todo, a forma de um sinal, também a forma não é, de todo, não relacionada ao sentido. Assim, formas diferentes para um mesmo referente carregam algum tipo de semelhança física com o mesmo. A natureza dessas formas, dado seu sentido, não são nem arbitrárias nem previsíveis; são, entretanto, motivadas (TAUB, 2001, p. 8). Motivadas, no entanto, por um fator externo ao sistema linguístico, ressalta Taub (2001, p. 9).

Justamente por considerar explicitamente a influência de uma exterioridade no sistema da língua é que Taub afirma que uma definição de iconicidade precisa levar em conta as noções de cultura e conceitualização. Ela afirma que "a iconicidade não é uma relação objetiva entre a imagem e um referente, é uma relação entre nossos modelos mentais de uma imagem e um referente" [73] (TAUB, 2001, p. 19). A perspectiva teórica pela qual Taub analisa a iconicidade e a metáfora é de base cognitivista, e com base nesses pressupostos ela desenvolve seus estudos. De sua reflexão, nos interessa, por ora, a consideração (ou não) do princípio da arbitrariedade. A posição de Taub, nesse sentido, reflete um interesse na manutenção do estatuto linguístico da língua de sinais não desconsiderando a iconicidade. A

---

[71] No original: *In addition to their iconic representational qualities, then, signs exhibit another level of organization, a componential level. ASL signs appears to be processed, coded, and produced by native signers, not in terms of their overall representational qualities, but rather as constituted of a limited set of elements of a combinatorial system.*

[72] No original: *[...] there are many different possible iconic representations of a single visual or auditory image; for example, one could represent different parts of the image, use different scales or perspectives, or preserve different levels of detail.*

[73] No original: *iconicity is not an objective relationship between image and referent; rather, it is a relationship between our mental models of image and referent.*

posição que ela toma frente ao pensamento saussuriano parece ser fruto de uma vertente de interpretação do texto do CLG que divide seus preceitos em dicotomias, a qual merece ser discutida:

> Há muito tempo a doutrina da "arbitrariedade do signo", atribuída a de Saussure […] tem se continuado nos estudos linguísticos. A *falta* de conexão entre a forma de uma palavra e seu significado tem sido vista como a mais alta propriedade da linguagem, aquilo que eleva os humanos acima dos animais. [...] De acordo com essa visão, formas icônicas são limitadas a encenações, imitações, e a raras palavras onomatopeicas, e seus significados não podem ser de forma alguma sofisticados ou abstratos. […] Infelizmente, o cerrado preconceito contra as formas icônicas conduz a um preconceito contra as línguas de sinais. As pessoas argumentaram por muitos anos (e alguns ainda o fazem) com base nos aspectos icônicos das línguas de sinais que eles eram apenas mímica, encenação, imitações – não de todo línguas verdadeiras, e incapazes de expressar conceitos abstratos [...] [74] (TAUB, 2001, p. 2-3 – grifo da autora).

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que Saussure não fala sobre iconicidade no CLG. Em segundo lugar, o preconceito de que fala Taub, no excerto acima, advém de uma interpretação do princípio do arbitrário do signo em relação a uma "falta de conexão entre a forma e o sentido em uma palavra", em que o sentido encontraria sua ancoragem em um referente no mundo. Como vimos, a arbitrariedade se dá internamente aos signos *do* sistema, e entre os signos *no* sistema. Não há ausência de conexão, e é justamente o laço entre o significante e o significado - que os une - que é arbitrário.

O que vimos até aqui sobre a noção de *iconicidade* pode ser resumido em três pontos principais: 1) parece ser consenso que a iconicidade faz parte, integra, de alguma forma o sistema das línguas de sinais; 2) o caráter icônico das línguas de sinais está ligado à representação, a um referente no mundo e 3) a iconicidade é um aspecto que se manifesta em diversas gradações nas diferentes línguas de sinais. Examinadas as noções de arbitrariedade e de iconicidade mais detidamente, passaremos agora à implicação da consideração de ambas as noções ao estatuto linguístico das línguas de sinais.

---

[74] No original: *For a long time, the doctrine of the "arbitrariness of the sign", attributed to de Saussure [...] has held sway in linguistics. A lack of connection between a word's form and its meaning has been seen as the highest property of language, the thing that raises humans above beasts. […] According to this view, iconic forms are limited to playacting, imitations, and rare onomatopoeic word, and their meanings can never be sophisticated or abstract in any way. […] Unfortunately, the intense prejudice against iconic forms led to prejudice against signed languages. People claimed for many years (some still do) on the basis of the iconic aspects of signed languages that they were merely mime, playacting, imitations – not true languages at all, and incapable of expressing abstract concepts […].*

3.1.1.3 A arbitrariedade e o estatuto linguístico das línguas de sinais

Tanto a arbitrariedade quanto a iconicidade são noções importantes à consideração do que faz as línguas (de sinais) serem *línguas*. A arbitrariedade, como vimos, é fundamental para a constituição de um sistema linguístico. Já a iconicidade, não como princípio linguístico, mas como característica formal das línguas de sinais, em maior ou menor grau, fundamenta o terreno da linguística da fala. Por fim, a arbitrariedade não se opõe à iconicidade porque não são da mesma ordem. À arbitrariedade subjaz a iconicidade: todo o sinal é arbitrário, mas nem todo o sinal é icônico.

Podemos valer-nos das onomatopeias – próprias das línguas orais - para pensar de que forma a arbitrariedade e a iconicidade estão implicadas nas línguas de sinais. Ou seja, se aplicarmos os mesmos pressupostos saussurianos à questão da iconicidade na Libras, por exemplo, teremos as seguintes conclusões: os sinais tidos como "icônicos" tão somente, também, assim como as onomatopeias, são pouco numerosos, e são uma imitação aproximativa e já convencionalizada de certos sinais/gestos, ou seja já estão na ordem representacional, simbólica. Isso pode, em certo sentido, justificar porque ouvintes, que não conheçam a Libras, identificam o sinal de "telefone", por exemplo. Há certa convenção em torno desses sinais. Isso também justifica o fato de o sinal "icônico" para "árvore" em Libras, ter algum traço em comum com o sinal para a mesma palavra na Língua de Sinais Chinesa, e, todavia, ser diferente. Agora, isso não exclui o fato de que, quando introduzidos no sistema da língua, esses sinais estão sujeitos às mesmas regras, relações e evoluções - nos diferentes níveis da língua -, a que sofrem os outros sinais "não icônicos" (ou “exclusivamente arbitrários”). A isso o CLG sentencia, como já citamos anteriormente: "prova evidente de que perderam algo de seu caráter primeiro para adquirir o do signo linguístico em geral, que é imotivado" (CLG, 2006, p. 83).

A arbitrariedade na língua de sinais pode ser entendida, então, como um princípio aplicável a todos os signos do sistema linguístico: quer tenham tido, ou não, alguma motivação em seu significante. Esse olhar sobre as línguas de sinais, considerando sim, os pressupostos saussurianos, nos permite compreender um pouco mais sobre esses sistemas. Considerar a arbitrariedade, enquanto princípio caracterizador do sistema, e tudo o que ela

implica, no estudo das línguas de sinais, abre outras portas para que os outros princípios saussurianos sejam estabelecidos sobre essa modalidade de língua. Nesse movimento de abertura, é até interessante perceber o que o próprio Saussure declara em relação à reflexão sobre a língua e a "oralização": "Eu acredito, ao contrário, que o interessante, para todo mundo, seria se perguntar [...] em que o conhecimento da produção dos sons poderia contribuir, numa parcela maior ou menor, para o nosso conhecimento da língua" (ELG, 2002, p. 153). A questão do aparelho vocal, ou da modalidade da língua conforme apontamos acima, se revela secundária, em Saussure, ao estudo da língua. Nessa mesma linha de raciocínio, ele diferencia a faculdade de evocar os signos de uma língua(gem), a de proferir sons, ao que eu complementaria, a faculdade de gesticular sinais: "Vê-se, o tempo inteiro, à luz dos casos de afasia, que a faculdade de proferir [sons] é uma coisa distinta da faculdade de evocar signos de uma linguagem regular, o que corresponde à nossa afirmação" (ELG, 2002, p. 222).

Saussure propõe o estudo da língua como sistema:

> Todo o estudo de uma língua como sistema, ou seja, de uma morfologia, se resume, como se preferir, no estudo do *emprego das formas*, ou no da *representação das ideias*. O errado é pensar que há, em algum lugar, *formas* (que existem por si mesmas, fora de seu *emprego*) ou, em algum lugar, *ideias* (que existem por si mesmas, fora de sua *representação*). Admitir a forma fora de seu emprego é cair na *figura vocal* que pertence à fisiologia e à acústica. É, além disso, mais imediatamente, entrar em contradição consigo mesmo porque há muitas *formas* idênticas de som e que nem se sonha em abordar, o que é a melhor prova da perfeita inanidade do ser *forma* fora de seu emprego (ELG, 2002, p. 32-33).

Nesse estudo relacional, do emprego das formas, com certeza, a arbitrariedade tem papel fundamental: é o caráter arbitrário do signo que põe a língua ao abrigo de toda a tentativa que vise modificá-la (CLG, 2006, p. 87). A arbitrariedade, sobre todos os sinais da Libras, impede que se modifique-a como a uma mera lista de termos. E é ela quem faz da Libras, e de todas as demais línguas de sinais, línguas.

Cabe ainda destacarmos mais um aspecto relacionado à noção de arbitrariedade, o qual o CLG destaca em seu capítulo dedicado ao mecanismo da língua. Para Saussure, o arbitrário absoluto liga-se à relação significante/significado, que não é motivada. Porém, é possível reconhecermos graus no arbitrário sem suprimi-lo: "*o signo pode ser relativamente motivado*" (CLG, 2006, p. 152 – grifos do autor). Isso porque, ainda segundo Saussure, "o princípio fundamental da arbitrariedade não impede distinguir, em cada língua, o que é radicalmente

arbitrário, vale dizer, imotivado, daquilo que só o é relativamente" (CLG, 2006, p. 152). O exemplo presente no CLG é das palavras "vinte" e "dezenove". "Vinte" é imotivado, mas "dezenove" não, pois evoca os termos que o compõem e outros associados ("dez", "nove", "vinte e nove", "dezoito"): "tomados separadamente, *dez* e *nove* estão nas mesmas condições que *vinte*, mas *dezenove* apresenta um caso de motivação relativa" (CLG, 2006, p. 152 – grifos do autor). Na Libras, temos por exemplo, o sinal *escola*, que é relativamente motivado por "casa" e "estudar", bem como o sinal *acreditar*, relativamente motivado por "saber" e "estudar". Contudo, o CLG afirma que "mesmo nos casos mais favoráveis, a motivação não é nunca absoluta. Não somente os elementos de um signo motivado são arbitrários como também o valor do termo total jamais iguala a soma dos valores das partes" (CLG, 2006, p. 153). Concordamos com Leite quando pondera que "a arbitrariedade do signo não implica uma ausência de motivação, mas sim o papel da convenção sempre seletiva que cada comunidade linguística faz de sua experiência" (LEITE, 2008, p. 34). Assim, o interior do sistema é que pode motivar novas construções e também, reflexo das relações entre os termos, pode limitar o arbitrário, como veremos na próxima seção.

3.2 A noção de valor

Uma vez analisada a noção de *arbitrariedade* no CLG, passaremos agora a outra noção deveras cara para Saussure: a noção de *valor*. Ao cabo de uma longa explanação no capítulo 4 do CLG, concluímos, juntamente com Normand (2009, p. 73) que "*valores* se impõe como substituto do termo clássico *signos*", termo este que abordamos no capítulo anterior. Ambas as noções - *arbitrariedade* e *valor* - contudo, estão implicadas, como demonstra Normand:

> *Valor* e *arbitrário*, as duas noções servem mutuamente de fundamento uma para a outra; mais precisamente, *valor* aparece, doravante, como a maneira linguística de retomar a noção filosófica de *arbitrário*: a escolha que decide por tal segmento acústico para tal ideia é perfeitamente arbitrária (NORMAND, 2009, p. 79-80 – grifos da autora).

O CLG justifica essa implicação da seguinte forma: “se não fosse esse o caso, a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois ele conteria um elemento imposto de fora; mas, de fato, os valores permanecem inteiramente relativos e eis por que a ligação entre a ideia e o som é radicalmente arbitrária” (CLG, 2006, p. 132). Essa implicação perdura ao considerarmos a coletividade enquanto criadora do sistema da língua:

> [...] a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja (CLG, 2006, p. 132).

As ciências que operam com valores possuem variações internas, assim “há uma necessidade interior que nos obriga a dividir a Linguística em duas partes” (CLG, 2006, p. 95). Situamo-nos perante a noção de valor: “trata-se de um sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes: [...] um significado e um significante” (CLG, 2006, p. 95). Nesse excerto do CLG, aparece, pela primeira vez, a palavra “valor”, e esta se relaciona com o fazer próprio da ciência e das equivalências que se operam no campo científico.

Na Ciência Linguística não é diferente e o CLG apresenta os eixos sobre os quais estão situados os elementos de que a ciência linguística se ocupa: 1º) eixo das simultaneidades – no qual se estabelece a relação entre coisas coexistentes, de onde toda a intervenção do tempo se exclui, e 2º) eixo das sucessões - sobre o qual não se pode considerar mais de uma coisa por vez (CLG, 2006, p. 95). Segundo Normand, com isso são definidas duas linguísticas: “uma narra a “série de acontecimentos” que modificou uma língua [linguística evolutiva, diacrônica], já a outra é completamente distinta [...] e irá se ocupar das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e formam um sistema [...] [linguística sincrônica]” (NORMAND, 2009, p. 74). Temos então que *sincronia* designa um estado de língua; *diacronia* designa uma fase de evolução (CLG, 2006, p. 96). A diferença entre as duas linguísticas reside no fato de que “a multiplicidade dos signos, já invocada para explicar a continuidade da língua, nos impede absolutamente de estudar-lhe, ao mesmo tempo, as relações no tempo e no sistema” (CLG, 2006, p. 96).

Há autonomia e interdependência do sincrônico e do diacrônico (CLG, 2006, p. 103). Na língua, cada termo tem seu valor pela oposição aos outros termos, e nela as mudanças não se aplicam senão a elementos isolados. Tomando-se, por exemplo, uma partida de xadrez, temos que o deslocamento de uma peça é um fato absolutamente distinto do equilíbrio

precedente e do equilíbrio subsequente. A troca realizada não pertence a nenhum dos dois estados: ora, os estados são a única coisa importante (CLG, 2006, p. 105). Apesar de haver interdependência entre os dois aspectos, "o fenômeno sincrônico nada tem em comum com o diacrônico, um é uma relação entre elementos simultâneos, o outro, a substituição de um elemento por outro no tempo, um acontecimento" (CLG, 2006, p. 107). Metodologicamente, portanto, para estudarmos o sistema da língua é mister situarmo-nos no âmbito da linguística sincrônica, porquanto "[...] a língua constitui um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos" (CLG, 2006, p. 95).

A constituição do sistema da língua comporta diversas relações, e a partir delas vemos que "a língua [é] um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros" (CLG, 2006, p. 133). A solidariedade entre os termos no sistema da língua é que confere a significação e o valor de cada termo: "o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa "sol" se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor; línguas há em que é impossível dizer "sentar-se ao *sol*"." (CLG, 2006, p. 135 – grifo do autor). Podemos aqui citar a composição morfológica de alguns sinais da Libras para referirmos esse processo de fixação do valor. Segundo Quadros e Karnopp, "não é possível predizer o significado de um novo sinal apenas olhando o significado dos sinais que formam o composto" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 106), e mencionam os sinais "pais" e "Sapucaia", como exemplos de sinais compostos.

Cabe aqui ressaltar, como o faz o CLG, que o valor não é depreendido apenas das palavras, mas de qualquer termo da língua: "o que se disse das palavras aplica-se a qualquer termo da língua, por exemplo, às entidades gramaticais" (CLG, 2006, p. 135). O exemplo que o CLG apresenta é o do plural no sânscrito, no português ou no francês: ele não tem o mesmo valor em todos os casos: "seu valor, pois, depende do que está fora e em redor dele" (CLG, 2006, p. 135). Na Libras, por exemplo, temos a marcação de gênero como exemplo da dependência dos valores ao funcionamento do sistema: há o sinal de "homem" e o sinal de "mulher", e se realizados após o sinal de um animal, "cavalo", por exemplo, tem se "cavalo" ou "égua". Ou seja, o valor do sinal "cavalo" depende do que está ao redor dele. A isso o CLG acrescenta: "se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o

sentido; mas não ocorre assim" (CLG, 2006, p. 135), e o mesmo verificamos nas línguas de sinais, uma vez que os valores emanam particularmente de cada sistema:

> Em todos esses casos, pois, surpreendemos, em lugar de *ideias* dadas de antemão, *valores* que emanam do sistema. Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são (CLG, 2006, p. 136).

Em relação ao aspecto material do valor, podemos dizer o mesmo que vimos para seu aspecto conceitual: é constituído unicamente por relações e diferenças com os outros termos da língua (CLG, 2006, p. 136). Diz Saussure que "o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação" (CLG, 2006, p. 137), ao que podemos parafrasear: o que importa no sinal não é o gesto em si, mas as diferenças quirêmicas, gestuais que permitem distinguir esse sinal de todos os outros, pois são elas que levam a significação. Temos, portanto que "*arbitrário* e *diferencial* são duas qualidades correlativas" (CLG, 2006, p. 137 – grifos do autor), e ambas estão implicadas na noção de *valor*.

Ainda em relação ao aspecto material do valor, temos a comparação deste com a moeda. Diz Saussure que não é o metal da moeda que lhe confere o valor, mas sua posição, sua efígie, a fronteira. Assim também os "signos atuam, pois, não por seu valor intrínseco, mas por sua posição relativa" (CLG, 2006, p. 137).

> Ademais, é impossível que o som, elemento material, pertença por si à língua. Ele não é, para ela, mais que uma coisa secundária, matéria que põe em jogo. Todos os valores convencionais apresentam esse caráter de não se confundir com o elemento tangível que lhes serve de suporte. Assim, não é o metal da moeda que lhe fixa o valor. (CLG, 2006, p. 137).

Aqui, Saussure se afasta das entidades concretas. A língua é, portanto, forma, e não substância. As línguas de sinais se enquadram aqui: "em sua essência, [o signo] não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras". (CLG, 2006, p. 138). Além disso,

> Cada idioma compõe suas palavras com base num sistema de elementos sonoros cada um dos quais forma uma unidade claramente delimitada e cujo número está perfeitamente determinado. Mas o que os caracteriza, não é, como se poderia crer, sua

> qualidade própria e positiva, mas simplesmente o fato de não se confundirem entre si. Os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas (CLG, 2006, p. 138).

Assim também o são os quiremas das línguas de sinais: opositivos, relativos e negativos. Há uma gama extensa de possibilidades de realização dos sinais, a partir do conjunto de traços que os distinguem[75]. Dessa maneira a língua funciona na base das diferenças. No caso das línguas orais,

> Prova-o a margem de ação de que gozam os falantes para a pronunciação, contanto que os sons continuem sendo distintos uns dos outros. [...] a língua não fica por isso prejudicada; ela não pede mais que a diferença e só exige, ao contrário do que se poderia imaginar, que o som tenha uma qualidade invariável (CLG, 2006, p. 138).

Por fim, da Teoria do Valor, podemos sintetizar que "*na língua só existem diferenças* [...]; na língua há apenas diferenças *sem termos positivos*" (CLG, 2006, p. 139 – grifos do autor). Não importa por que lado se aborde a questão - quer pelo significado, quer pelo significante - na língua nada preexiste ao sistema linguístico: nela há somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema. O que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos, sentencia o CLG. "A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação" (CLG, 2006, p. 139).

Aparentemente vemo-nos diante apenas de termos negativos. Isso, porém, só vale se forem tomados separadamente o significado e o significante. O signo, em sua totalidade, é um termo positivo, e o que o distingue é tudo o que o constitui (CLG, 2006, p. 141). Logo, a diferença é o que faz a característica do signo. "Quando se comparam os signos entre si – termos positivos – não se pode mais falar de diferença; [...] dois signos que comportam cada qual um significado e um significante não são diferentes, somente distintos. Entre eles existe apenas *oposição*." (CLG, 2006, p. 140 – grifo do autor). Assim, na língua, o que temos é um constante jogo de oposições linguísticas:

---

[75] De acordo com Quadros e Karnopp, "a noção de traços distintivos nas línguas de sinais dá-se no sentido de que cada sinal passa a ser visto como um feixe de elementos básicos simultâneos, que formam uma CM [configuração de mão], um M [movimento] e uma L [locação] e que, por sua vez, entram na formação de itens lexicais" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 62).

> [...] sendo a língua o que é, de qualquer lado que a abordemos, não lhe encontraremos nada de simples; em toda parte e sempre, esse mesmo equilíbrio de termos complexos que se condicionam reciprocamente. Dito de outro modo, *a língua é uma forma e não uma substância*. Nunca nos compenetraremos bastante dessa verdade, pois todos os erros de nossa terminologia, todas as maneiras incorretas de designar as coisas da língua provêm da suposição involuntária de que haveria uma substância no fenômeno linguístico. (CLG, 2006, p. 141 – grifos do autor).

Normand, a respeito do funcionamento da língua, diz que: "a ordem própria, interna da língua é, com efeito, a ordem formal de um jogo; ela interpõe-se entre o interlocutor e o mundo, impondo suas restrições, estranhas tanto à lógica como à ordem da natureza" (NORMAND, 2009, p. 82). Nesse sentido, temos que na ordem própria do funcionamento de um estado de língua há, segundo Saussure, duas ordens de relações entre os termos: as relações sintagmáticas e as relações associativas:

> A relação sintagmática existe *in presentia*. A relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual. Desse duplo ponto de vista, uma unidade linguística é comparável a uma parte determinada de um edifício, uma coluna [...]; a coluna se acha, de um lado, numa certa relação com a arquitrave que a sustém; [...] de outro lado, se a coluna é de ordem dórica, ela evoca a comparação mental com outras ordens (jônica, coríntia, etc), que são elementos não presentes no espaço: a relação é associativa (CLG, 2006, p. 143).

Desses dois tipos de relação é que se arquitetam os termos na língua. Nas relações sintagmáticas opera o princípio da linearidade, e o sintagma compõem-se de duas ou mais unidades consecutivas. Nele, um termo só adquire valor por se opor ao que o precede ou ao que o sucede, ou aos dois juntos (CLG, 2006, p. 142). Expondo que a frase é o tipo de sintagma por excelência, e justificando que a frase pertence à fala, Saussure conclui que o sintagma é da ordem da fala. Contudo, apesar de na fala haver liberdade no que diz respeito às combinações, há sintagmas em que essa liberdade não é possível (que seriam, por exemplo, as "frases feitas", tais como: "estar de lua", "ter dó", "de que adianta", etc.). No entanto, "cumpre atribuir à língua e não à fala todos os tipos de sintagmas construídos sobre formas regulares" (CLG, 2006, p. 145), e, nesse sentido, os chamados neologismos tem suas condições de produção previstas no funcionamento da língua. Interessante notar que, nesse impasse entre língua e fala no jogo sintagmático, Saussure reconhece não ser possível delimitar categoricamente o fato de língua do de fala: "cumpre reconhecer, porém, que no domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual" (CLG, 2006, p. 145). Assim, no sintagma temos claramente a interdependência língua e fala atuando.

Sobre as relações associativas, Saussure destaca que

> Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam (CLG, 2006, p. 145).

Interessante notar que as relações associativas são bem diferentes das sintagmáticas, visto que sua base não está na extensão (na cadeia da fala, do discurso), mas sim no cérebro (ou espírito, como relatado no CLG), e o espírito capta também a natureza das relações que unem os termos em cada caso. Um exemplo de relação associativa na Libras seria a coordenação de sinais que apresentem uma mesma locação ("pensar", "cavalo", "abril", e "entender", seriam exemplos de sinais com a mesma locação - a lateral da cabeça); ou, a associação pode estar no significado dos sinais ("ensinar", "aprender", "educação", "professor", e "escola", por exemplo). Ou seja, a natureza das relações associativas é bem diversificada.

A diferença, portanto entre as relações está em que as sintagmáticas se dão *in praesentia*, em que dois ou mais termos estão presentes numa série efetiva; já as relações associativas se dão *in absentia*, unindo termos numa série mnemônica virtual. Segundo Saussure, ambas as relações são "indispensáveis para a vida da língua" (CLG, 2006, p. 142), e entendemos por quê: cada uma gera uma diferente ordem de valores à língua, fazendo seu mecanismo funcionar. Em se tratando das solidariedades sintagmáticas, vemos que quase todas as unidades da língua dependem seja do que as rodeia na cadeia falada, seja das partes sucessivas de que elas próprias se compõem (CLG, 2006, p. 148). Para ilustrar essa solidariedade, o CLG traz como exemplo a formação de palavras:

> O sufixo, considerado isoladamente, é inexistente; o que lhe confere seu lugar na língua é uma série de termos usuais tais como *calor-oso, duvid-oso* etc. Por sua vez, o radical não é autônomo; ele só existe pela combinação com um sufixo; [...] O todo vale pelas suas partes, as partes valem também em virtude de seu lugar no todo, e eis por que a relação sintagmática da parte com o todo é tão importante quanto a das partes entre si (CLG, 2006, p. 148 – 149 – grifos do autor).

Verificamos essa solidariedade em se tratando dos sinais da Libras. Uma configuração de mão, "L", por exemplo, sem uma locação ou um movimento não tem autonomia significativa. Seu valor está em associar-se aos outros parâmetros de constituição dos sinais, como, por exemplo, nos sinais "lei", "ontem" e "segundo" (vide Figuras nºs 3, 4 e 5).

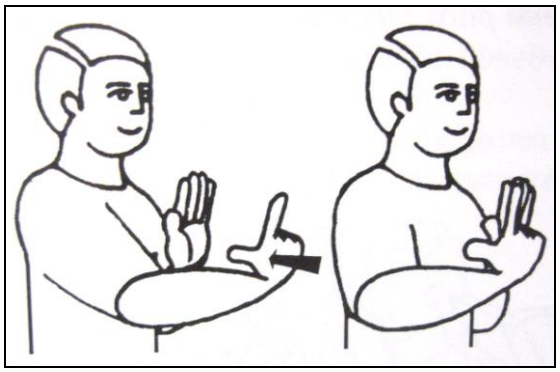

Figura nº 3. Representação do sinal equivalente à “lei” na Libras. Fonte: (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001, p. 805)

Figura nº 4. Representação do sinal equivalente à “ontem” na Libras. Fonte: (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001, p. 980)

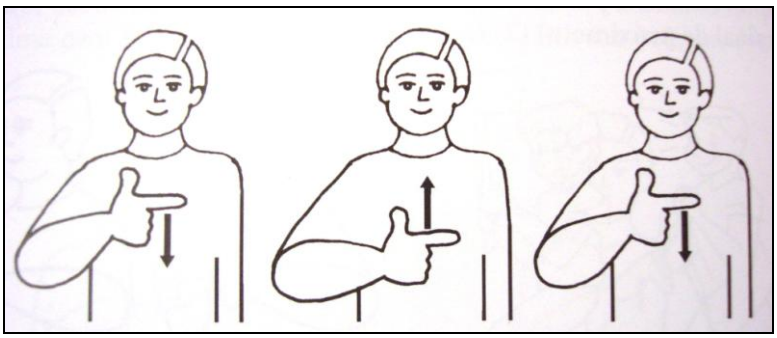

Figura nº 5. Representação do sinal equivalente à “segundo” na Libras. Fonte: (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001, p. 1176)

Da mesma forma ocorre quando empregarmos os sintagmas reservados em nossa memória: “fazemos intervir os grupos associativos para fixar nossa escolha [...] mude-se a ideia a exprimir, e outras oposições serão necessárias para fazer aparecer um outro valor” (CLG, 2006, p. 151). Assim, para o sintagma na Libras “a casa é grande”, intervém um determinado grupo associativo; já para o sintagma “a casa é bonita”, outro grupo intervém, e

outras oposições fazem aparecer um outro valor. Saussure explica que “em realidade, a ideia invoca, não uma forma, mas todo um sistema latente graças ao qual se obtêm as oposições necessárias à constituição do signo” (CLG, 2006, p. 151). Assim, é um jogo duplo a todo o instante que faz a língua funcionar.

Nesse jogo duplo vemos os valores sendo sempre constituídos por: “1º por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra cujo valor resta determinar; 2º por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa.” (CLG, 2006, p. 134 – grifos do autor). Além disso,

> [...] a ideia de valor [...] nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra (CLG, 2006, p. 132).

Concluímos que o valor se dá na intersecção dos dois constituintes, fruto do jogo duplo das relações solidárias entre os elementos no sistema. Aqui também surge o elemento limitador do arbitrário, que referimos na seção anterior. Vimos que a noção do relativamente motivado implica: “1º, a análise do termo dado, portanto uma relação sintagmática; 2º a evocação de um ou vários termos, portanto uma relação associativa” (CLG, 2006, p. 153). Assim, vemos que

> [...] Até aqui, as unidades não nos apareceram como valores, vale dizer, como os elementos de um sistema, e nós as consideramos, sobretudo, nas suas oposições; agora reconhecemos as solidariedades que as vinculam; são de ordem associativa e de ordem sintagmática; são elas que limitam o arbitrário. *Dezenove* é associativamente solidário de *dezoito*, *dezessete* etc. e sintagmaticamente de seus elementos *dez* e *nove*. Essa dupla relação lhe confere uma parte de seu valor” (CLG, 2006, p. 153 – grifos do autor).

As solidariedades que vinculam as oposições é que limitam o arbitrário. E, apesar de todo o sistema da língua fundamentar-se no princípio “irracional” da arbitrariedade do signo, o “espírito, porém, logra introduzir um princípio de ordem e de regularidade em certas partes da massa de signos, e esse é o papel do relativamente motivado” (CLG, 2006, p. 154). Na Libras, por exemplo, a especificidade da motivação de alguns signos, advém da adoção do ponto de vista imposto pela natureza mesma da língua (CLG, 2006, p. 154), e depreendemos desse mecanismo, uma limitação do arbitrário.

Como “não existe língua em que nada seja motivado” (CLG, 2006, p. 154),

> Num certo sentido [...] poder-se-ia dizer que as línguas em que a imotivação atinge o máximo são mais *lexicológicas*, e aquelas em que se reduz ao mínimo, mais *gramaticais*. Não que “léxico” e “arbitrário”, de um lado, “gramática” e “motivação relativa”, do outro, sejam sempre sinônimos; mas existe algo de comum no princípio. São como dois polos entre os quais se move todo o sistema, duas correntes que se repartem o movimento da língua: a tendência a empregar o instrumento lexicológico, o signo imotivado, e a preferência concedida ao instrumento gramatical, isto é, à regra de construção (CLG, 2006, p. 154).

A Libras, como toda língua, por conter signos imotivados (arbitrário absoluto) e outros motivados (arbitrário relativo), portanto, é tanto lexicológica quanto gramatical. A evolução numa língua pode ser entendida como “uma passagem contínua do motivado ao arbitrário e do arbitrário ao motivado; esse vaivém tem amiúde como resultado alterar sensivelmente as proporções dessas duas categorias de signos” (CLG, 2006, p. 155), bem como criar novas ordens de valores no sistema.

3.3 A distinção linguagem, língua, e fala

Finalmente, para encerrarmos este capítulo dedicado a rediscutir o estatuto das línguas de sinais, faz-se necessário retomarmos a distinção linguagem, língua e fala presente nas discussões saussurianas. Essas três noções, conforme apontamos no capítulo 2, seção 2.1.1.1, se interligam conceitualmente. A distinção linguagem/língua foi o ponto de partida adotado por Saussure para delinear os fundamentos da Ciência Linguística. Nesse sentido, ao iniciar sua reflexão acerca do objeto língua em Saussure, Normand situa bem a necessidade de distinção entre os termos:

> [...] para sair dos discursos em que se atola a linguística quando se quer geral, é necessário distinguir o termo *linguagem* que recobre sempre alguma dualidade nocional (pensamento/som, social/individual) e se presta a uma multiplicidade de pontos de vista (psicológico, antropológico, etc.) (NORMAND, 2009, p. 49).

Segundo Saussure, “a linguagem é um fenômeno; é o exercício de uma faculdade que existe no homem. A língua é o conjunto de formas concordantes que esse fenômeno assume

numa coletividade de indivíduos e numa época determinada" (ELG, 2002, p. 115). Daí podermos concluir que as línguas de sinais são línguas efetivamente (e não linguagem de sinais, como alguns costumam referir-se a elas), por serem conjuntos, sistemas de signos, formadas por unidades materiais e mentais, não delimitadas de antemão, mas baseadas completamente na oposição dessas unidades. Além disso, apresentam, como as demais línguas, todos os princípios que são da linguagem. Sobre essa oposição, encontramos um paralelo na constatação de Stokoe sobre o "contraste significativo" que rege as línguas de sinais.

Normand nos apresenta mais algumas interpretações interessantes sobre a *língua* em Saussure:

> O termo *língua* designa, pois, um conjunto de elementos que só pode ser estudado em sincronia; suas condições de existência são sociais, mas é o modo de funcionamento que interessa ao linguista-gramático e só pode ser apreendido por uma atitude de abstração: diante das produções concretas dos locutores, deve-se criar a hipótese de um sistema unitário de referência que permite produzir esses enunciados (NORMAND, 2009, p. 57).

Cremos ter ficado claro neste trabalho que é justamente o funcionamento da ordem própria, interior da língua, que lhe dimensiona o *status*. Daí ser importante a noção de sincronia, bem como os princípios que abordamos no início do capítulo 2: a continuidade e a mutabilidade da língua no tempo, e a unidade e divergência da língua no espaço. Assim,

> É no estado da língua em que se encontra o locutor comum – que não tem necessidade, para falar, de conhecer a história da língua que utiliza -, que se pode apreender o funcionamento do sistema. As noções de sincronia e de sistema estão, portanto, estreitamente ligadas (NORMAND, 2009, p. 53).

Sobre a fala, vimos que "a língua não é a fala, ela é o que permite falar [...]" (NORMAND, 2009, p. 55). Ou seja, a fala é a realização motora da língua, é a sua execução. É um ato psicofísico – de qualquer ordem - de vontade e inteligência. Na fala, "os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseados no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo" (CLG, 2006, p. 142 – grifo do autor). Como vimos,

> O conjunto de diferenças fônicas e conceptuais que constitui a língua resulta, pois, de duas espécies de comparações; as aproximações são ora associativas, ora sintagmáticas; os agrupamentos de uma e de outra espécie são, em grande medida, estabelecidos pela língua; é esse conjunto de relações usuais que a constitui e que lhe preside o funcionamento (CLG, 2006, p. 148).

É a língua que estabelece esses agrupamentos. Os agrupamentos prescindem do mecanismo/organização da língua. Por isso a interdependência língua/fala: "na língua, tudo se reduz a diferenças, mas tudo se reduz também a agrupamentos" (CLG, 2006, p. 149). Sobre os agrupamentos sintagmáticos, Saussure ainda declara que

> Analisando um sintagma, o falante não se limita a distinguir-lhe as partes; observa também entre elas certa ordem de sucessão. [...] Uma língua exprime, às vezes, pela sucessão dos termos, uma ideia que outra exprimirá por um ou diversos termos concretos; o inglês, no tipo sintagmático *gooseberry wine*, "vinho de groselhas", *gold watch*, "relógio de ouro" etc., exprime pela ordem pura e simples dos termos relações que o francês ou o português moderno assinalam por preposições; (CLG, 2006, p. 161 – grifos do autor).

O mesmo princípio de sucessão de termos se dá na Libras, em relação à sintaxe, e o mesmo justifica a diferença na realização das preposições na Libras. Refletindo sobre as entidades da língua, Saussure traz em seus Escritos que a primeira causa que faz da linguagem um objeto que fica fora de qualquer comparação, e não classificado, é a "ausência de linguagens importantes que repousem sobre um outro instrumento, que não a voz, para produzir o signo" (ELG, 2002, p. 219). Ele comenta que

> Com isso, chegou-se a qualificar a linguagem falada de *função* do organismo humano, misturando, assim, sem volta, o que é relativo à *voz* e o que é relativo apenas à tradução do pensamento por um signo, que pode ser absolutamente qualquer um e comportar um aperfeiçoamento e uma gramática de acordo com signos visuais ou táteis ou de acordo com signos não menos convencionais que se escolherá na voz. (ELG, 2002, p. 219 – grifos do autor).

Entendemos que, com essa citação, Saussure amplia a noção de signo, por criticar a concepção de que apenas a voz é significada (tornada signo, concebida como tal). A "tradução do pensamento por um signo", o que podemos chamar de *realização* da língua, nas palavras do mestre "pode ser absolutamente qualquer um", e nos chama mais ainda a atenção o fato dele considerar "signos visuais ou táteis", o que enseja, certamente, a consideração efetiva das línguas de sinais, como "tradução do pensamento", porquanto signícas.

Seguindo o percurso aqui desenvolvido, defendemos que as línguas de sinais são línguas por apresentarem os princípios que são da linguagem, conforme aponta o fundador da

ciência linguística, e por comportarem, em seus diferentes sistemas linguísticos (francês, inglês, português, Libras, etc.), tais princípios, que permitem as distintas manifestações de fala e a interlocução entre os falantes, o que nos faz reiterar, junto com estudiosos do campo, o estatuto linguístico das línguas de sinais, agora com base saussuriana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste estudo, cabe a nós resgatarmos questões importantes que aqui abarcamos, mensurando, também, algumas de suas implicações para trabalhos futuros. É a esse propósito que se destinam estas páginas finais.

No primeiro capítulo fizemos uma retrospectiva histórica sobre a consideração das línguas de sinais no âmbito educacional e linguístico. Apresentamos brevemente o legado do francês Charles M. l'Épée sobre a consideração da língua de sinais no próprio ensino dos surdos, e detivemo-nos mais pormenorizadamente sobre a vida acadêmica e a obra de William C. Stokoe. Este último, e suas relevantes contribuições ao fazer linguístico nas línguas de sinais, ensejou boa parte das reflexões aqui tecidas, justamente por ter sido o pioneiro na consideração do estatuto linguístico das línguas de sinais. Sendo esse nosso objeto de pesquisa nesta dissertação, concluímos com Stokoe que as pessoas surdas quando se juntam (e não só entre elas mesmas, mas com ouvintes também) se comunicam em sua *própria* língua. Isso confere às línguas de sinais o *status* de constitutiva dos sujeitos porquanto intrínseca à interlocução entre os sujeitos. Ao delinearmos as pesquisas sobre a Libras, especificamente, vimos que as reflexões linguísticas, valendo-se de seus predecessores franceses e americanos, alcançam outros níveis de especificidade no interior da mesma (conforme os apontamentos que fizemos aos trabalhos de Quadros e Karnopp, Ferreira-Brito, Leite, Moreira, entre outros). Os estudos se especificam, nas mais variadas áreas da Linguística, decorrentes das diversas perspectivas teóricas adotadas. Assim, este primeiro capítulo foi essencialmente importante por situarmos o leitor em relação à historicidade dos estudos linguísticos das línguas de sinais, bem como para, posicionando-nos em relação aos primeiros trabalhos, iniciarmos nosso próprio percurso de reflexão linguística sobre as línguas de sinais.

No segundo capítulo, desenvolvemos nossa reflexão linguística a partir da perspectiva de Ferdinand de Saussure. Exploramos as noções de *linguagem*, *língua* e *fala*, a natureza do signo linguístico no sistema da língua e os princípios que o regem e o delimitam, bem como o mecanismo que faz a língua funcionar. Nesse capítulo apresentamos ainda alguns outros tópicos pertinentes à discussão das noções acima mencionadas, tais como o registro escrito das línguas e, especialmente, a variabilidade na *realização* das línguas – a constituição da

fala, na qual as línguas de sinais estão igualmente situadas. Este capítulo foi basilar em nosso percurso de reflexão sobre a Linguística e seus fundamentos.

Por fim, no terceiro capítulo mobilizamos as noções e os conceitos saussurianos para a consideração das línguas de sinais, e, mais especificamente da Libras, da qual citamos alguns exemplos. A discussão sobre a arbitrariedade e a iconicidade ensejou uma longa reflexão sobre os limites e a pertinência de ambas as noções em se tratando das línguas de sinais. Também vimos que a noção de valor é igualmente importante, uma vez que é sobre ela que se fundamenta a teoria saussuriana, porquanto reúne as demais noções e conceitos apresentados.

Para reafirmar o estatuto linguístico das línguas de sinais, buscamos apresentar os grandes princípios da linguagem, quais sejam – a perenidade do sistema, enquanto organizador das unidades linguísticas; seu domínio indissociavelmente social e individual, abarcando, em seu âmago, a individualidade e a coletividade; assim como a faculdade de constituir uma língua. Vimos que a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com a ajuda de um instrumento criado e fornecido pela coletividade; esse é o argumento que, em concordância com Saussure, usamos para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem. Detivemo-nos sobre as noções que permeiam o sistema de uma língua e que estão nas línguas de sinais: o mecanismo da língua, a arbitrariedade e a iconicidade, o valor linguístico, e, como tal, a Libras, e o fato de que a manifestação em cada língua de sinais tem a possibilidade sempre de realizar a fala e o encontro, via linguagem, entre interlocutores. Vale destacarmos que, no sistema das línguas de sinais, a presença de arbitrariedade/iconicidade, é de fundamental importância, pois se há algo de visual e icônico na realização, é porque o sistema comporta.

Podemos, por fim, apontar alguns ganchos para pesquisas futuras. Um deles seria uma maior exploração da abordagem de Pierce e o diálogo com Saussure, para detalhar a relação arbitrariedade/iconicidade. Outra possibilidade é a discussão acerca dos níveis de análise da língua de sinais, a partir do ponto de vista saussuriano (valendo-se, especificamente, do princípio de analogia – que contribui para a não rigidez das unidades no sistema e apresenta-se como um princípio de renovação e conservação da língua). Além disso, cremos que uma maior consideração do sujeito falante, aqui entendido como sujeito tomado pela linguagem, se faz necessária, pois é na relação de interlocução, via linguagem, que os sujeitos surdos se constituem como sujeitos. Daí um outro passo seria dado, em direção à outra perspectiva

teórica linguística, talvez, a enunciativa, Linguística essa tributária do pensamento saussuriano.

Avaliamos que esta dissertação traz outro olhar sobre as línguas de sinais e que o estatuto das mesmas é corroborado, agora a partir o ponto de vista da Linguística saussuriana. Com isso, firmamos um diálogo entre campos - Linguística e Línguas de sinais - alinhando-nos a outros estudos e, ao mesmo tempo em que continuamos a caminhada de outros pesquisadores nesse diálogo entre campos, propusemos um novo diálogo - o da Linguística de base saussuriana com as línguas de sinais. Cremos também ter constituído o olhar essencialmente linguístico que buscávamos no início deste percurso, tendo reiterado o estatuto linguístico das línguas de sinais a partir de sua rediscussão. Das constantes inclusões que se operam na Linguística, entendemos que, com este trabalho mais uma se deu: a das línguas de sinais sob a ótica saussuriana.

Quanto à redefinição das noções de *linguagem*, *língua*, e *fala* que poderia ser operada em se tratando das línguas de modalidade visoespaciais, entendemos que alguns deslocamentos foram de fato esboçados, especialmente em relação à noção de *fala*. Como apontamos, ao retomarmos a questão língua-fala-linguagem, não há a necessidade de uma realização oral para ser *língua*, ou seja, não há nenhuma garantia de que a língua tenha algum compromisso com o aparelho fonador. Por isso dissemos ser possível sustentar que alguém *fale* Libras (obviamente, a partir do conceito saussuriano de *fala*). As línguas de sinais como sistemas de signos, regidos por princípios de organização e funcionamento próprios da *língua*, também foram consideradas. Por fim, a *linguagem* em sua multiforme e heteróclita constituição nos permitiu, através dela mesma, desvelar diferentes caminhos para se considerar e analisar as suas diferentes manifestações, as diferentes línguas, e, dentre elas, também, as línguas de sinais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é e como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.

CÂMARA, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. São Paulo: Vozes, 1999.

____. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Padrão, 2006.

CAPOVILLA, E. RAPHAEL, W. *Dicionário enciclopédico trilíngue: libras*. 2ª ed. Vol 1 e 2. São Paulo: EDUSP, 2001.

CHAFIN, S. *American sign language: a step-by-step guide to signing*. Guilford: Knack Make it Easy, 2009. p. 1;10.

CRUZ, C. R. *Proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão, para crianças surdas utentes da língua de sinais brasileira*. Porto Alegre: PUCRS, Dissertação de Mestrado, 2008.

DEPECKER, L. *Comprendre Saussure: d'après les manuscrits*. Paris: Armand Colin, 2009.

EPSTEIN, I. *O signo*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

FELIPE, T. A. Os processos de formação de palavra na Libras. In: *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 200-217, nov. 2008. ISSN 1676-2592. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1642>. Acesso em: 18 de Julho de 2013.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática das línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FIORIN, J. L. *Introdução à linguística: II. princípios de análise*. São Paulo: Contexto, 2003.

FRYDRYCH, L. A. K. *Transcrição da interpretação para libras: uma abordagem enunciativa*. Porto Alegre: UFRGS, Trabalho de Conclusão de Curso, 2010.

JAKOBSON, R.. *Seis lições sobre o som e o sentido*. São Paulo: Moraes Editores, 1977.

KARNOPP, L. B. *Aquisição do parâmetro configuração de mão na língua brasileira de sinais (libras): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos*. Porto Alegre: PUCRS, Dissertação de Mestrado, 1994.

_____. *Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. Porto Alegre: PUCRS, Tese de Doutorado, 1999.

KLEIN, M. . Os discursos sobre surdez, trabalho e educação e a formação do surdo trabalhador. In: Carlos Skliar. (Org.). *Surdez: um olhar sobre as diferenças*. 2ed. Porto Alegre: Mediação, 2001, v. 1, p. 75-93.

KLIMA, E; BELLUGI, U. *The signs of language*. Cambridge, Massachusetts: Harvard Universal Press, 1979.

LANE, H. *A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LEITE, T. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. São Paulo: USP, Tese de Doutorado, 2008.

LIDDELL, S. K. *Grammar, gesture and meaning in American sign language*. New York: Cambridge University Press, 2003.

LYONS, J. *Introdução à linguística teórica*. São Paulo: EDUSP, 1979.

____. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MAHER, J. *Seeing language in signs: the work of William C. Stokoe*. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

MAURO, T. de. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica preparada por Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1972.

MOREIRA, R. L. *Uma descrição da dêixis de pessoa na língua de sinais brasileira: pronomes pessoais e verbos indicadores*. São Paulo: USP, Dissertação de Mestrado, 2007.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. N. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, vol. 1 e 2, 2001.

NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PINKER, S. *O instinto da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

QUADROS, R. M. de. *Phrase structure of brazilian sign language*. Porto Alegre: PUCRS, Tese de Doutorado, 1999.

____. *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na língua de sinais brasileira e reflexos no processo de aquisição*. Porto Alegre: PUCRS, Dissertação de Mestrado, 1995.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Estudos linguísticos da língua brasileira de sinais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUIRÓS, J. B. de; GUELER, F. S. de. *La comunicacion humana y su patologia*: *ensayo histórico hasta 1900*. Tomo 1, vol. 2. Buenos Aires: C.M.I., 1973.

SACKS, O. *Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SÁNCHEZ, C. *La increible y triste historia de la sordera*. Caracas: Editorial Ceprosord, 1990.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

____. *Escritos de Linguística Geral* (Editado por S. Bouquet e R. Engler). São Paulo: Cultrix, 2002.

SOUZA, R. M. de. Intuições "lingüísticas" sobre a língua de sinais, nos séculos XVIII e XIX, a partir da compreensão de dois escritores surdos da época. In: *DELTA*, São Paulo, v. 19, n. 2, 2003 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 de Julho de 2013.

STOKOE, W. C. Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf. In: *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*. Vol. 10, No. 1. New York: Oxford University Press, 2005. (p. 3-37).

____. *Semiotics and human sign languages*. Paris: Mouton, 1972.

____. *Sign language structure*. Silver Spring: Linstok Press. [1960] 1978.

STOKOE, W. C. et al. *A dictionary of american sign language on linguistic principles*. 2 ed. Silver Spring: Linstok Press. [1965] 1978

STROBEL, K.; FERNANDES, S. *Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais*. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

STROBEL, K. *História da educação de surdos*. Florianópolis: UFSC, 2009.

STUMPF, M. R. Transcrição de língua de sinais brasileira em signwriting. In: LODI, A. C.B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L.; TESKE, O. *Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 62-70.

STUMPF, M.; QUADROS, R. M. de. Tradução e interpretação da língua brasileira de sinais: formação e pesquisa. In: *Cadernos de Tradução*. Nº 26. Florianópolis: PGET/UFSC. 2010.

SUTTON, V. *Lessons in signwriting textbook*. 3. ed. La Jolla, CA: Deaf Action Committee for SignWriting, 2000.

TAUB, S. F. *Language from the body: iconicity and metaphor in american sign language*. New York: Cambridge University Press, 2001.

THOMA, A. da S.; SPERB, C. C. Bilinguismo, Cultura Surda e Práticas de Letramento na Educação de Surdos. In: *Anais do III Colóquio Internacional sobre Letramento e Cultura Escrita - Diversidade e diferença na educação: cultura escrita, letramentos, políticas linguísticas e identidades*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. (p. 1-12).